ESCOLA SUPERIOR DE CRICIÚMA – ESUCRI
CURSO SUPERIOR DE PSICOLOGIA

SACHA CALABRESE MODOLON

RELATÓRIO DA DISCIPLINA ESTÁGIO CLÍNICO I E II

PROF. THAIS WACHHOLZ, CRP 12/4705

PROF. EDNA FARIAS DA SILVA, CRP 12/11477

Relatório de atividade teórica e empírica de estágio para a disciplina de Estágio I, supervisionado pela professora mestre e psicóloga Thais Wachholz, CRP 12/4705, e de estudo de caso para o Estágio II, supervisionado pela professora Edna Farias da Silva, CRP 12/11477

CRICIÚMA

JUNHO DE 2021

"VENI, VIDI, VICI", "Vim, vi e venci", Júlio César em relação a uma vitória no seu caminho de volta a Roma, segundo Suetônio.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

Como obra de conclusão de disciplina do Estágio Clínico I[1] e atividade de instrução em relação a abordagem, o presente, visa distribuir suas páginas, em um primeiro momento, entre a base teórica da psicanálise, e em um segundo, a nossa atividade quanto ação na clínica. Obviamente não buscamos um nível de profundidade que o defina como um Tratado, no entanto, acreditamos ser útil, a todo aquele que se disponha a ler-lhe, uma visão pormenorizada, histórica e acadêmica, de alguns pontos específicos, bem como, o uso de exemplos encontrados na literatura e na clínica.

Em outras palavras, pode-se definir o supradito como um exercício de pesquisa, reflexão e atuação. Três elementos em harmonia com o ideal do acadêmico em potência que está em transição a uma etapa profissional em ato, um acadêmico que precisa desvincular-se da mãe Universidade e passar a vida independente.

Como fica dito, não somente utilizaremos de literatura propriamente psicanalista, pois, acreditamos que esta está mui além do mero círculo dogmático, e conforme Freud, amante da produção espiritual do Homem, trataremos de estendermos nos meandros da produção humana. Todo o processo empírico foi efetuado no ano de 2020 entre os meses de Julho e Dezembro[2]. O estágio e supervisão foram divididas em uma carga horária de 180 horas.

E ressaltaremos como um especial adendo que para a formação da presente obra, buscamos também utilizar-nos de obras que não sejam tão comuns lerem-se em estágio, ou assuntos como tais serem levantados. Acreditamos assim permitir para nossas humildes palavras certa diversão e interesse por parte do leitor que, não sem razão, imaginamos saturado dos mesmos comentários repetidamente. No entanto, é obvio que certos lugares-comuns existem.

---

1 E futuro complemento no Estágio Clínico II.

2 E no caso do Estágio Clínico II, de Março a Junho de 2021.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nos capítulos e subcapítulos apresentados logo abaixo, trataremos de expor os elementos que conformam a base da psicanálise. Como apresentado na introdução, cada um será composto de três etapas de desenvolvimento: o contexto, a teoria e exemplos. Achamos também necessário situar o próprio pai da psicanálise no seu contexto sócio-histórico, e permitimo-nos, quando a situação o demandava, detalhes biográficos.

2.1 BREVE HISTÓRICO DA PSICANÁLISE[3][4]

Sigmund Freud nasce na primavera de 1856, época de forte atividade acadêmica e renovação da idiossincrasia europeia. *Os vitorianos que pululavam nas altas classes europeias*, promoviam um ressurgimento de uma moral rígida e inocente, de um forte preconceito com o que definiam "vulgaridade", e de não menor hipocrisia, com o que definiam "honra e honor". Na literatura já se via desde a época dos Miseráveis de Victor Hugo, uma transição daquele Sturm und Drang do romanticismo alemão (vide os favoritos Goethe e Heine) para uma literatura muito mais realista e crítica, obras de importante impacto social foram criadas na França e o Index Prohibitorum da Igreja Católica, convenientemente esquecidos do anglicismo inglês, nunca se viu tão requisitado.

Na política, os Estados independentes da América do Sul espanhola travavam lutas intestinas e sofriam tristes ditaduras, a portuguesa começa a desenhar um plano de governo de tanto promoção cultural como de mantimento do status quo a base daquela famosa assertiva monarquista "tudo pelo povo, mas nada com o povo", sem falar que a América do Norte se preparava para sua famosa guerra da Secessão. Obviamente muitos desses elementos geopolíticos pouco ou nada interferiam no dia a dia europeu, que após a derrota de Napoleão e da vitória do Absolutismo, acreditavam entrar em uma época de paz, se paz pode ser definida em um nível absurdo de industrialismo

---

3 As referências históricas foram tomadas de nossos estudos acadêmicos e de anotações próprias de consulta. No entanto, somos gratos as sempre bem-vindas consultas as obras de Erick Hobsbawn sobre a época que nos interessa (A era das Revoluções, A era do Capital, A era do Império e A era dos Extremos), Bertrand Russell (Historia da Filosofia), e os dicionários específicos que deixamos anotados na referência.

4 Por uma questão de economia e para evitar sermos superfluamente reiterativos, optamos por excluir o pedido capítulo "Método Clínico". Como ficará evidente ao leitor o que supostamente consistiria seu material estará dividido nos subcapítulos abaixo.

selvagem e desigualdade sociais mitigadas por políticas inicias de movimentos socialistas e sociais-democratas.

Como fosse, a questão está que o presidente Napoleão III na primeira oportunidade de força declarou-se imperador e nos alvores da década de 70, Guilherme I da Alemanha com Bismarck unificam a terra de Freud e destroem o poderio francês. Esta importante vitória cria duas primeiras consequências: *a revalidação do elemento germano das ciências, que nos últimos cinquenta anos vinha sendo questionado e um povo francês ao mesmo tempo que desiludido, livre na sua criatividade de criação e crítica;* Com o último nos referimos finalmente *ao realismo na literatura* que em si é um resultado do ambiente social, que por consequência, também transpira a sociedade acadêmica.

O positivismo está em alta e o homem começa a ser estudado de um viés não puramente moral ou ideológico, e sim empírico. Algumas perguntas e outras respostas provavelmente prepararam o terreno para muitos preconceitos que encontrarão seus principais representantes na Alemanha Nazista do século XX. No entanto, também *permite-se a secularização da Academia e um projeto de Historia que até então não era visto, ou pelo menos, não era tão comum*. Esta Historia e esta nova tendência da Ciência, tratava o homem, não como Homem fruto da teoria do bom selvagem[5] e sim como Homem fruto do seu meio e em contante luta com os elementos que o faziam animal. Não é gratuitamente que o filósofo francês Paul Ricoeur denominou *"mestres da suspeita"*, Nietzsche, Marx e Freud[6], sem falar que o mundo estava propenso a revolta, com obras como a de Charles Darwin, e o desenvolvimento do estudo psiquiátrico de Charcot que superava as alucinações de Mesmer.

Um jovem Freud entra assim em uma universidade em nada num momento nada comparável e em plena mudança, o inconsciente é uma das tantas facetas que começam a ganhar interesse e com a supervisão de Breuler e futura influencia do mencionado Charcot, *Freud, homem de seu tempo e predisposto a uma critica e filosófica curiosidade, começaria a se criar*.

A histeria estudada pelo psiquiatra francês é desmitificada, ou melhor dito, dessacralizada, e aquela definição de milênio e meio atrás, de Galeno, é renovada[7].

---

5 Vide Rousseau e alguns enciclopedistas franceses. Se bem que já em Aristóteles encontramos uma metáfora muito mais interessante, segundo ele, o homem precisa regrar as paixões e subjugar o animal selvagem que não raras vezes "ascende ao trono do déspota". No entanto, em época de Rousseau e da infância de Freud, existia uma filosofia "positiva" que com o tempo foi engolida pela antropologia negativa do homem, que se em Hobbes tinha seu expoente, e no catolicismo, o mau primordial, ainda era assumida em silêncio graças a iluminação divina que aos poucos foi perdendo sua luminosidade.

6 E talvez pai espiritual dos três Schopenhauer.

7 Observar o subcapítulo dedicado a Histeria.

Estão dados os pressupostos, assim, para a tomada de evidencia das repressões internas e sociais e sua forte influência no homem e consequente meio. O modelo vitoriano é discutido e Freud posteriormente o rematará com seus trabalhos relacionados a sexualidade na infância[8].

Obviamente, de um Freud estudante para o Freud pai da psicanálise existe todo um percurso. Neste, muitas ferramentas e técnicas serão usadas e abandonadas. Linhas serão escritas para logo serem borradas e engavetadas, para quem sabe, voltarem a serem úteis ou modificadas no futuro. Pioneiro como era na área, muito dos seus defeitos metodológicos foram perdoados e outros vulgarmente rebatido, pois a novidade e criatividade sempre foram duas palavras perigosas e invejadas pelos ignaros. No entanto, surpreende a qualquer um que realmente se dedique a leitura de sua obra, o rigor e o desejo de desvincular sua ciência de uma mal dita metaciência.

Retomando, as técnicas abandonadas ou, podemos dizer, evolucionadas, vão desde massagens ao uso da hipnose, desde a pressão na testa ao “deixe-me falar”. O nosso limpador de chaminés, estava em terreno inexplorado, e como Colombo não sabia que havia descoberto a América, Freud se adentrava pelos territórios ocultos do inconsciente e do âmago do homem para desenvolver assim a psicanálise, que como bem levantado pela supervisora do estágio, está longe de ser somente psicologia, pois seu uso é tão vasto, que toda atividade do espírito irrequieto do homem foi reestudado com nova óptica, pinturas, letras, filmes, etc., todo trabalho digno das musas é desvelado, e cada traço, palavra são estudados no campo do signo e do simbólico. Logo, se nosso trabalho exagerar nos exemplos, pedimos o perdão, mas é a forma que encontramos para ajudar o leitor e ao mesmo tempo, associar a técnica na prática.

Por consequência, mais do que autoconhecimento ou trabalho puramente clínico, estamos para estudar uma ferramenta muito mais profunda. Aparenta ser muito mais que a reaprendizagem do Eu junto aos valores conflitantes que o compõem, e esse Eu, é mais que Eu Sacha, é Eu Homem, o Eu Homem em contato com essa sociedade. O que Jung chamará de processo de Individuação, o que Nietzsche chamou de Ubermensch, o Super-homem, Freud, limpando-o de toda superstição e supravalorização, o chamará de sujeito.[9]

---

8 Palavra também esta revolucionária, visto sua recente criação e conceito. Para mais informações indicamos nosso artigo “**O papel histórico do psicólogo na mediação familiar e educação infantil**” escrito para a matéria de Psicologia Familiar a cargo da professora Jaqueline B. S. Taufembach.

9 Deixamos escrito que não é uma desvalorização da definição junguiana, apenas estamos reiterando o maior materialismo de Freud.

2.2 ESTRUTURAS DO APARELHO PSÍQUICO: PRIMEIRA E SEGUNDA TÓPICA[10]

Após apresentação do contexto histórico-cultural do futuro pai da Psicanálise, nada mais natural trabalharmos sua abordagem em específico.

Em linhas gerais escrevemos que o processo de desenvolvimento da psicanálise foi se dando ao longo do tempo e nunca de forma "reta", ou seja, mais de uma vez Freud viu-se na necessidade de retrabalhar seus conceitos. A Primeira e Segunda tópicas, de *topos*, do grego, espaço ocupado por um corpo imediatamente, possuem diferenças profundas que miraculosamente não derrubaram todo o edifício teórico freudiano, tendo em vista que se tocaram várias vezes nos alicerces axiomáticos.

Roudinesco e Plon escrevem no seu famoso dicionário,

> A primeira tópica era uma descrição cômoda dos processos psíquicos. Permitia distinguir entre o consciente e duas modalidades de inconsciente, o inconsciente propriamente dito, cujos conteúdos só raramente (ou nunca) podiam ser transformados em pensamentos conscientes, e o pré-consciente, feito de pensamentos latentes, passíveis de se tornar ou de voltar a se tornar conscientes.

Não é preciso estar muito informado sobre os estudos acadêmicos da época para perceber que são três conceitos então em voga e pouco originais. O que em si não é nenhum defeito, muito pelo contrário é o reaproveitamento das melhores produções acadêmicas contemporâneas. Algumas pessoas má intencionadas acusam de plágio, ou excesso de crédito, o que simplesmente é o processo de evolução científica por antonomásia. O "novo" é tão pouco crível e ilusório quanto a criação *ex nihilo*.[11]

Hoje, um século depois, nos resulta claro, e talvez nos escape um condescendente sorriso, o limitado desse conceito. Não obstante, é graças a essa primeira estrutura que Freud consegue começar a ver a função da força sexual, a líbido, no homem. Se bem que o inconsciente possa ser definido como um "cesto de lixo", vulgarmente falando, seu poder em relação ao resto da estrutura é revelador de uma intensidade oculta provocativa de sintomas, que se foi buscada primeiramente na hipnose, não demorou a ser retrabalhada na associação livre.[12]

Freud escreve na sua mais revolucionária obra, se temos em conta o contexto promocional de virada de século, *A Interpretação dos Sonhos*, que a ciência psicológica deve primordialmente

---

10 Preferimos excluir o subtítulo do modelo "Primeira e Segunda Tópica" por motivos estéticos, e o transformamos em introdução do subcapítulo 2.2.

11 Se nos permitem readaptar as famosas palavras de Lavoisier, *no pensamento humano nada se cria, nada se perde, tudo se transforma*.

12 Se deixamos de lado a futura desarmonia entre Freud e Jung, lembraremos que é tal projeto de trabalho do primeiro que provoca no segundo a admiração de tomar-lho como mestre.

importar-se com a estrutura do inconsciente, pois, a produção criativa da psique humana pode funcionar sem revelar-se a consciência. Segundo CHEMANA, 1995, *"A partir deste ponto de vista, são os fenômenos psíquicos conscientes que constituem a menor parte da vida psíquica, sem, no entanto, serem independentes do inconsciente."*

A Segunda tópica é uma extensão dessa primeira hipótese se temos em conta que a criação do Id, Ego, e Superego, são uma evolução da anterior estrutura. Obviamente, cada um não equivale exatamente a seu anterior, ou seja, Id não é inconsciente, mas, o Id sim encontra sua esfera de atividade nele sem deixar de estar contido nas outras duas, o mesmo ocorre, por exemplo, com o Superego.

Esta reformulação da teoria possui outros elementos formativos que apresentaremos a seguir, junto com um estudo mais pormenorizado das categorias já mencionadas, o que nos importa, nesse momento, é apenas escrever que foram praticamente mais de vinte cinco anos de desenvolvimento para chegar ao supradito topos. Ou seja, tendo em vista a dimensão que os estudos psicanalíticos tiveram no mundo, era esperada uma reelaboração, principalmente se termos em conta a miríade de grandes homens que se interessaram por ela.

2.2.1 Inconsciente, Pré-consciente e Consciente

Quando se pensa em inconsciente não é raro que as primeiras definições sejam resumidas em "falta de consciência", ou seja, "fulano x caiu inconsciente", ou, "fulano é um louco", e uma definição mais robusta, "algo que está além da consciência, que não pertence a esta". A psicanálise sem inconsciente é igual à música sem harmonia, um conjunto de barulhos pouco atrativos. Logo, uma definição desta transcende em relevância.

Como um dos alicerces, senão o principal, do pensamento psicanalítico, é obvio, e esperado em um científico como Freud, que sua definição foi trabalhada e retrabalhada. Na primeira tópica, a inconsciência atua como o campo do recalque, informações que não chegam até a superfície da consciência por x motivos. Na segunda, elabora-se o conceito de Id, tema do próximo capítulo. No entanto, para a psicanálise contemporânea, muito influenciada pelos estudos da linguagem de Lacan,

> ...o inconsciente é o lugar de um saber constituído por um material literal, desprovido em si mesmo de significação, que organiza o gozo e regula o fantasma, a percepção, bem como uma grande parte da economia orgânica. Esse saber tem por causa

o fato de que a relação sexual não pode ser compreendida como uma relação natural, pois só existe homem e mulher por meio da linguagem. (CHAMANA,1995)[13]

Freud desde já não é o primeiro a se interessar pela matéria, desde os primórdios dos gregos até Galeno, dos estudos um tanto que lúdicos dos renascentistas, passando por inúmeras modificações e evoluções que são tanto fruto do próprio tempo como dos homens que as compõem, esse campo misterioso, é tanto sacro como profano, uma ambivalência amoral, que parece funcionar de ambiente de criação do homem, e obviamente, de repressão.[14]

Roudinesco e Plon escrevem que

> No século XVIII, com a expansão da primeira psiquiatria dinâmica*, desenvolveu-se a idéia, já avançada por Pascal e Spinoza, de que a autonomia da consciência seria necessariamente limitada por forças vitais incognoscíveis e, com frequência, destrutivas.[15]

A relação do inconsciente com o amor foi um tropos comum no romanticismo, logo, o que não falta para Freud era material. Lembremos dos anos de Charcot, da sua parceria com Breuer em que resenhou um inconsciente na forma da “dupla consciência”, no entanto, seguindo os mesmos autores,

> seu aparecimento explícito data da famosa carta de 6 de dezembro de 1896 a Wilhelm Fliess, na qual evocou pela primeira vez o aparelho psíquico, já formulando as instâncias constitutivas do que viria a ser a primeira tópica: o consciente, o pré-consciente e o inconsciente.

Frazer, pela mesma época publicava, e em reedições com muitos acrescentos em anos seguintes, a revolucionária A Rama Dourada, um estudo de antropologia comparada que Freud

---

13 Para completar, vale recordar que em seus Três Ensaios sobre uma teoria da Sexualidade, Freud, fala de uma primeva bissexualidade no homem, em outras palavras, que é um processo histórico do sujeito o que o levará a optar mais por um sexo ou por outro, mas sempre tendo um pouco do oposto no seu prazer.

14 Na sua obra Psicologia e Alquimia, Jung trabalha com um inconsciente em espiral e afirma que a criatividade humana é proporcional quanto ao acesso que se permite a esse *témenos.* Não é a toa que se diz que a genialidade e loucura caminham juntas.

15 Descartes, nas suas famosas obras Discurso do Método e Meditações Metafísicas, formulando o famoso c*ogito, ergo sum* trata de comprovar a existência do mundo sensível em relação ao sujeito, em outras palavras, que não vivemos em uma Mátrix. O problema é que sua línea de raciocínio o leva a entrar de cheio em um solipsismo quase sem saída, o que lhe provoca criar a figura de um Deus, bom e ordeiro, para poder tirar-lho desse campo “obscuro do pensamento” e levar-lho a realidade propriamente dita.

praticamente colocou embaixo de seu travesseiro[16]. Nela havia salientado a harmonia essencial entre as culturas selvagens e as ditas civilizadas. Escrevendo que "en recientes investigaciones de la historia primitiva del hombre se revela la semejanza esencial de la mente humana, que bajo multitud de diferencias superficiales elaboró su primera y rudimentar filosofía", logo, em contraste com a atual, as diferenças eram mais superficiais que essenciais, ou seja, o homem continuava a ser praticamente o mesmo enquanto suas roupas eram as que mudavam.

Com a Interpretação dos Sonhos em mão do leitor, ou seja, o interesse na relação de inconsciente e sonhos, sintamos a surpresa do selvagem que se depara com esse campo tao estranho da psique humana, que acredita ou que se desprende seu próprio corpo, ou que caminha por um mundo de sombras, ou que acredita, ainda, receber imagens proféticas. Continuemos até as cerimonias gregas e seus sonos proféticos nos templos de Asclépio, deus da medicina, filho de Apolo, patrono do famoso oráculo de Delfos. Vejamos o caminhar de Freud pelas criptas etruscas e perguntemo-nos, com suas leituras, com sua produtividade acadêmica em vista, era possível "fugir" do inconsciente? "*Ya es sabido que el sueño fue para Freud el 'camino real' hacia el descubrimiento del inconsciente."* (LAPLANCHE et PONTALIS, 2004).

Mesmo que como,

> Ya es sabido que, a partir de 1920, la teoría freudiana del aparato psíquico fue profundamente modificada y se introdujeron en ellas nuevas distinciones tópicas, que ya no coinciden con las del inconsciente, preconsciente y consciente. En efecto, si bien em la instancia del ello se vuelven a encontrar las principales características del sistema *les,* en las otras instancias (yo y superyó) se reconocen también un origen y una parte inconscientes. (LAPLANCHE et PONTALIS, 2004)

Com Anna Freud, de acordo com sua interpretação da Segunda Tópica, o inconsciente seria muito mais rebaixado, ao ponto de o mérito criador passar a ser predominantemente consciente. (ROUDINESCO et PLON, 1998)

No entanto, junto ao complexo de Édipo, nada é tão representativo da psicanálise como o inconsciente.

2.2.2 ID

16 Vide as notas referentes a obra Totem e Tabu.

Mircea Eliade, provocado tanto pelos estudos de Frazer, a psicanálise de Freud, pelo círculo Eranos, onde Jung era assíduo membro, entre outros, em sua brilhante Historia das Crenças e das Ideias Religiosas, dentre outras de suas obras, trabalha com um conceito chamado "valorização mágico-religiosa da linguagem", que a subdivide em gestos-epifanias e fonética mágico-religosas. A primeira em relação as chamadas cerimonias cinéticas, ou seja, movimento X provoca consequência Y, e a segunda, no temor, e até mesmo terror, por trás das palavras e nomes. Escrevemos isso visando a definição anterior de Frazer -para o leitor mais atento, a futura associação com a neurose é óbvia-, ou seja, a questão agora é o arquétipo do homem primitivo.[17]

Tais características são mui úteis para entender a obra de Freud no seu campo, por assim dizer, mais antropológico, pois, por mais que exista uma convicção da existência de tais áreas no homem é necessária sua prova empírica, para não ser achacado de metapsicologia.[18]

Logo, estamos falando assim de algo muito mais primitivo que a definição Homem. Estamos falando de algo apriorístico a sua própria tomada de consciência de si, ou dos primórdios desta, ou seja, de sua situação como ser que exerce força ativa e não somente passiva ao seu mundo, e onde esta força tem um motivo muito mais desenvolvido que o mero instintivo. A razão, compreensivelmente, atua como uma força contrária, e como vimos que o Id, na Segunda Tópica, é situado no inconsciente, a relação homem-sociedade, provoca conflitos graves que no capítulo do Superego ficaram mais claros.

Na obra já mencionada de Mircea Eliade, o romeno, relata a reminiscencia do "caçador" no pastor e agricultor das sociedades sedentárias e em processo de formação de um Estado, ou seja, de se civilizarem. Explica que enquanto nos primeiros, a morte do animal era sentida quase como um crime, pois os dois, se viam como irmãos, e por consequência, era necessário ou matar-lho na figura de outro, ou cerimonias expiatórias, nos agricultores, o mito do "assassínio primordial" era visto como um sinônimo de prosperidade. Da morte desse deus bucólico, dos restos desse deus, surgia o grão que germinava e todo ano ressuscitava para uma nova morte que reforçaria a nova semente. Some-se a isso que a agricultura, pelo menos nas suas primeiras etapas, era uma função das mulheres, e junto ao reconhecimento social, vejamos por exemplo as definições de Mãe Terra, Grande Mãe, etc.., a valorização do elemento sexual, criaremos todo um ambiente enantiodromico[19]

---

17 Obviamente não no sentido junguiano de arquétipo e sim de Ideia.

18 Como certas abordagem adoram fazer, mesmo que utilizem-se de técnicas e ferramentas das mais questionáveis e digam com outras palavras o que o grande pai da psicanálise já escreveu. Sem falar que quando questionados sobre as provas que tanto demandam ficam nas mais burdas doxologias. Pelo menos Freud, tanto para a teoria como a prática buscou exemplos históricos que o avalassem, não pressupostos retirados da bunda.

19 Na famosa definição de Heráclito retirada do cânon junguiano, "o jogo dos opostos no devenir, isto é, a noção de que tudo o que é passa pelo seu contrário."

em que o assassinato de um transformou-se no assassinato de todos, e a culpa se transmutou em atenuação, ou por assim dizer, esperança.

Todo esse processo cíclico de vida-morte-ressureição das religiões antigas, que com o passar do tempo, muda em palavras e nome e não em essência, é muito parecido ao trabalho de Freud e o assassinato daquele Pai primordial. Talvez algum leitor se surpreenda em utilizarmos uma Grande Mãe, ou seja, uma deusa feminina e tenha ficado confundido. Isso é compreensível, no entanto, só precisamos lembrar que na mitologia suméria existem Inanna e o pastor Dumuzzi, na babilônia, Ishtar e Tamuz, na Anatólia, Cibeles e Atis, na grega, Afrodite e Adônis etc…, em todas o homem acaba sacrificado. O processo de separação masculino-feminino é um processo que historicamente posterior a unificação "bissexual", por assim dizer[20], mas resumamos-lo com a simples menção simbólica do Touro e novamente estaremos em harmonia com aquele Pai Primevo.[21]

Logo, essa característica constitutiva da psique, o Id, é uma força da natureza que precisou ser limitada, pois representava aquela energia que o Marquês de Sade tão bem satirizou como "instinto de assassinato, estupro e roubo", e que o processo civilizatório acreditou domar. Na verdade, nada se prova tão inverídico, vide o exemplo do espírito de Wotan em Jung e sua explicação em relação ao nazismo ou Freud nas suas obras que chamamos antropológicas[22].

Na literatura, Rabelais descreve em Pantagruel um homem-id. Para todo aquele que conhece as aventuras e desventuras do pai de Gargantua, lembrará de seu amor a comida e as devassidões da vida, sua indiferença para com o roubo de um sino, e todo o sarcasmo em relação a educação e sociedade francesa. Seu descaso as leis do homem, e em boa parte de sua moral, não se deve a uma simples subversão ou ato anárquico, revolucionário, é simplesmente o grito do instinto por sobre a limitação da vida social. Do prazer por sobre o desprazer. É simplesmente, o homem em uma dimensão livre e arbitrária. Mas que, para o benemérito do bom gigante, é limitado por esporádicos momentos de responsabilidade e de uma razão harmoniosa que vai sendo moldada e adaptada em relação a dualidade instinto/lei e nunca chega a ser cruel, pelo contrário, permite-se ainda as influências positivas da vida em comunhão, como amizade, fidelidade e uma questionável definição de honra e honor.[23]

20 Podemos lembrar daquelas figuras hermafroditas da obra de Platão, o Banquete.

21 Obviamente para mais detalhes indicamos as obras magnas citadas de Frazer e Eliade.

22 Do nosso conhecimento, chamamos assim Totem e Tabu, Mal-estar na civilização, O futuro de Ilusão, A psicologia das Massas… Enfim, de certo ponto de vista boa parte do cânon freudiano o é, no entanto acreditamos que nestas o elemento antropológico está muito mais forte.

23 Podemos pensar também na famosa obra de Stevenson, O estranho caso do doctor Jekyll e o senhor Hyde.

2.2.3 EGO

> …a partir dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, o eu é pensado como o lugar de um sistema pulsional do qual irão diferenciar-se, por apoio, as pulsões sexuais, conclamadas a se tornarem completamente distintas. As pulsões do eu, portanto, ficam a serviço da autoconservação do indivíduo, incluindo a totalidade das necessidades primárias orgânicas não sexuais. (ROUDINESCO et PLON, 1998)

A partir do conceito de narcisismo, em 1914, Freud passa a situar o Ego em um primeiro plano. Para que nove anos depois,

> …em *O eu e o isso*, o eu torna-se uma das instâncias da segunda tópica, caracterizada por um novo dualismo pulsional, que opõe as pulsões de vida às pulsões de morte. (ROUDINESCO et PLON, 1998)

Infelizmente o limite do trabalho não nos permite adentrar por inteiro nos conceitos de pulsão de vida e pulsão de morte, que para este que os escreve resulta do mais interessante. Se pensarmos nas mais antigas cosmogonias encontraremos esse dualismo, que ora nasce um do outro, ora são criados ao mesmo tempo, enfim, que em algum momento ou outro estarão em constante oposição permitindo assim a existência do movimento.

"O orgasmo é um momento de deleite que antecipa a morte", escreveu certo prosista. Não deixa de estar muito enganado, no entanto, também é um renascimento do próprio prazer que pede por uma nova descarga, um sacrifício. Um ciclo que permite a existência.

O Ego encontra-se no meio de tal luta, e trocando o princípio do prazer pelo da realidade, acredita que aliando-se ao Superego pode chegar a ter controle do Id, ou ao menos, reprimi-lo para um convívio "normal" em sociedade. O Ego, sendo assim, não deixa de ser um elo entre os dois opostos, e por consequência, participa, pelo menos alguma parte, do inconsciente (ROUDINESCO et PLON, 1998).

Como já diria Freud, "*Wo Es war, soll Ich werden"*, ou seja, "aonde o Id estava, deve advir o Ego".

Sobre os antecedentes podemos relatar que o Eu é um motivo de discussão filosófica desde os primórdios da humanidade. E a luta interna desse Eu entre duas forças em lide constante pode ser encontrada em inúmeros exemplos da produção sublimada na arte do Homem, um dos mais interessante trabalhos da literatura mundial, o Baghavad Gita, com os filhos de Pandu, representando o lado espiritual do Homem, contra a família dos Kurus, por seu lado, o lado carnal, poderíamos até mesmo optar uma interpretação psicanalítica.

Quando são Agostinho, em suas Confissões, trata do subjetivismo, cria, ou revaloriza, o papel da memória para a formação deste sujeito, abrindo assim um novo campo de debate do saber. E arriscaríamos talvez corretamente em já encontrar neste grande pensador um desenho do pré-consciente da Primeira Tópia.

2.2.4 SUPEREGO

Frazer, na mencionada obra, define em três etapas o processo do conhecimento humano: magia, religião e ciência. Sobre a transição da primeira para a segunda, escreve ele, se a magia era a prepotência do homem em acreditar que poderia controlar seu meio, e quando digo meio, pode ser do campo metafísico, a religião criou um sentimento de impotência, logo, *a consciência da humildade*,

> El hombre supo que había tomado por causa lo que no era y que todos sus esfuerzos para actuar por medio de estas imaginarias causas habían sido vanos. Su penosa labor había sido malgastada, su ingenua curiosidad despilfarrada sin utilidad. Había estado sirgando sin nada que arrastrar; había estado creyendo caminar derecho a su objetivo cuando en realidad no había hecho más que moverse en un estrecho círculo.

e um pouquinho mais a frente,

> Así, cortando a la ventura sus antiguas amarras y dejándose llevar por el proceloso mar de la duda y la incertidumbre, sacudida rudamente la feliz confianza de antes en sí mismo y en sus fuerzas, nuestro primitivo filosofo debió quedar tristemente perplejo y conmovido hasta que descansó, como en un puerto tranquilo después de un tempestuoso viaje, en un sistema nuevo de práctica y fe que creyó le ofrecía una solución a las dudas azarosas, y un sustituto, por precario que fuese, de aquel imperio, sobre la naturaleza del cual había abdicado bien a su pesar.[24]

Que o leitor nos perdoe se nos estendemos nas referidas citas, mas a prosa de Frazer é imensamente superior a nossa. O raciocínio do escocês, transpirando seu clássico ceticismo, mostra uma das facetas idealizadas do Superego, que podemos imaginar que Freud não deixou de notar.

Os contratualistas dos séculos XVII e XVIII[25], escreviam que a sociedade, ou melhor dito, o Estado surgia a partir da cessão de uma parte da liberdade natural em prol do convívio social, ou

---

24 Lembra-nos a famosa frase de Marx, de meio século antes, “a religião é o ópio do povo”.

25 Hobbes em Leviatâ, Locke em Segundo tratado sobre o Governo Civil, e Rousseau em Contrato Social e Ensaio sobre a desigualdade do homem e das espécies.

seja, firmavam um contrato, onde o terceiro inexistente passava a ganhar existência e cuidar pelo interesse de ambas partes.

Freud escreve que a criação da lei se deve, de forma idealizada, ao momento em que dois homens antes de se matarem por uma mulher, decidiram cada um cuidar da sua.

> O Supereu, essa "consciência moral", manifesta em relação ao eu, portanto, a agressividade que o eu desejaria exprimir a respeito dos outros, e a tensão que assim se instala entre o eu e o supereu dá margem ao "sentimento consciente de culpa". É possível, por conseguinte, afirmar que a cultura domina a agressividade dos indivíduos fazendo com que ela seja vigiada por intermédio de um intruso, o supereu, que funciona como um governador dentro de "uma cidade conquistada". (ROUDINESCO et PLON, 1998)

O axioma jurídico dos romanos, "*dura lex, sed lex*", "dura lei, mas é a lei", é, quando levado ao extremo, e muito bem satirizada pelos franceses do iluminismo, um sintoma que provoca outro axioma "enquanto mais leis uma sociedade precisa, mais corrompida se encontra". E de certa forma se colocada, como vamos reiterando ao longo do trabalho, em relação aos vitorianos entenderemos muito bem o ponto. Enquanto maior é a repressão…

Tal hipocrisia fez Freud escrever obras como "Totem e Tabu", "O futuro de uma ilusão", "Mau estar na civilização", "Psicologia de Massas". E lhe angariou com mais razão o epiteto de "mestre da suspeita". Pois, como é evidente pelo exposto, a Psicanalise é "subversora" no momento que se permite estudar o homem nu, não estamos falando de um simples tratado moral ou puramente idealizado, estamos falando de uma obra que pega o homem X e lhe diz, "homem X você é homem X", e esse "dizer", é um autodizer, por assim falar, o que faz da compreensão um ato muito mais difícil em vista das resistências.

Cria-se todo um processo burocrático de despersonalização contra os instintos, como uma ilusão de fuga, um véu de Maya, e tudo em prol de uma suposta evolução estatal. No entanto, Gibbon, em sua História do Declínio e Queda do Império Romano, escreve que se algo teve de positivo as invasões bárbaras foi precisamente fugir dessa "Jaula de Ferro", como diria Webber, e permitir uma "restauração do espírito viril da liberdade", ou seja, do elemento ativo do ser humano, que se o associarmos ao dito mais acima por Eliade, nada mais é, do que o homem caçador. O falo nada mais é do que um símbolo dessa liberdade pré-homem, leia-se, animal-homem, que ainda subsiste e é constantemente limitado, ou, temidamente castrado.

Para finalizar este subcapítulo, acredito que um exemplo muito ilustrativo de tudo o dito, são as palavras do bárbaro Conan e futuro rei da civilizada Aquilônia, criação de Robert E Edward e de certa forma de Roy Thomas, que logo após sobreviver e vencer mil provações, encarando seu derrotado inimigo, diz “sobrevivi apenas por ser um bárbaro. Vocês, os civilizados, servem mais para causar dor do que suportá-la”.

2.3 Estruturas de personalidade: Neurose, Psicose e Perversão

Depois de expormos de forma sucinta conceitos como Inconsciente, Pré-consciente, Consciência, Ego, Id e Superego, trabalharemos as estruturas de personalidade.

2.3.1 Neurose, Neurose Histérica (Histeria) e Neurose Obsessiva[26]

A palavra neurose ganha notoriedade no final do século XVIII, com Willian Cullen, médico escocês, que a utilizava para conceituar as doenças nervosas que tinham por consequência distúrbios de personalidade. Um pouquinho depois o grande Pinel a vulgariza na França para um século depois Freud retomá-lo como doença nervosa de efeito sintomático, onde estes simbolizam “conflito psíquico recalcado, de origem infantil”.

Tal definição sobreviveria até o advento da segunda tópica,

> Todavia, após os grandes debates com Carl Gustav Jung e Eugen Bleuler sobre a dissociação, o auto-erotismo e o narcisismo, e depois, com a entrada em cena da segunda tópica, organizada em torno da trilogia composta pelo eu, isso e supereu, Freud deu uma organização estrutural ao par formado pela neurose e pela psicose, às quais acrescentou a perversão. (ROUDINESCO et PLON, 1998)

A neurose, em outras palavras, é a lide entre o Id e o Ego, que como escrevemos é um conflito entre o animal-homem e o homem-animal. Um é puro instinto, o outro, a realidade, logo, nessa eterna disputa pela civilização, não surpreende que o homem por muitas vezes se deixe levar por fanatismos, que em nada mais são, do que os momentos que o segundo se sente oprimido por seu meio. Ou melhor dito, de um ponto de vista mais pessimista, o homem por si só já é predisposto a não dar “ouvidos a razão”.

---

26 Por uma questão de linha argumentativa preferi juntar estes dois subcapítulos que aparecem separados no modelo.

A palavra histeria, do grego *hystera*, na sua definição filológica que dizer matriz, útero, ou seja, algo feminino. Desde a época de Hipócrates se acreditava que somente as mulheres poderiam desenvolver tal conflitos psíquicos, talvez porque tivessem em mente a loucura autoprovocada das bacantes e atuação destas, como daquelas, eram muito similares.

A ideia da possessão por um deus, no espírito físiconaturalista dos gregos logo perdeu credibilidade, e para explicar-lha optaram pelo caminho mais fácil, culpar logo a natureza defeituosa da mulher. No entanto, para o leitor ter uma ideia do que viremos a expor, pensemos na sociedade ateniense, nela, somente os homens com posse de terra eram cidadãos, o resto se compunha, segundo Aristóteles, "de algo não muito melhor que escravos", como mulheres, crianças, metecos e os próprios escravos. As crianças, se fossem do sexo masculino, ainda poderiam chegar a possuir cidadania e os metecos, em mui raríssimos casos, por mérito, ou importantes amizades, também, mas de um jeito mais limitado.

A questão está, na palavra *phoné*, pois, aquele que é cidadão emite voz na assembleia, e a aquele que não é, emite apenas som. Recordemos que o Estagirita define o escravo como uma ferramenta que emite sons. Agora, no caso da mulher, que também só emite som, outro fator provocava um meio mais opressor, a *giné*, ou seja, o cômodo da *oikos* (casa) onde elas, depois de casadas, deveriam permanecer a maior parte do tempo com atividades de confecção. Não eram nem mesmo permitidas à mesa, muito menos ter contato com os visitantes, se o marido não dize-se nada em contrário, e seu lugar no divã era normalmente ocupado por uma hetaira, resumindo, seu marido se sentia mais cômodo com uma prostituta que com sua própria esposa que só servia para cuidar da economia da casa (oikosnomia, de onde advém economia) e fazer filhos, que ainda ficavam a critério do pai aceitar-lhos ou não.[27]

Obviamente que na época de Galeno essa situação foi sendo mitigada, mas pelo lado helênico, ainda existiam ressábios, e é a partir disso que ele se pergunta na sua famosíssima e influente obra por milênios, De Locis Affectis,

> Lo podremos descubrir rápidamente si observamos las causas previas, que son éstas: se admite que esta afección sobreviene sobre todo a las viudas, especialmente si antes eran mujeres bien regladas, eran fecundas, tenían relaciones sexuales normales y luego se han visto privadas de todo ello. Qué otra conclusión podría deducirse de ello sino que estas afecciones llamadas histéricas, sean apneas, sofocos o contracciones, sobrevienen a las mujeres por el cese de la menstruación o esperma? Tal vez por la supresión del esperma especialmente, ya que tiene una gran fuerza y en las mujeres es más húmedo y

27 Para mais informações conferir a excelente obra Política de Aristóteles.

> frío y, como ocurre también con los hombres, las que lo tienen abundancia necesitan expulsarlo.

Deixando de lado a ideia errônea comum da antiguidade que as mulheres possuíam esperam, surpreende como é revolucionário o colocado. Não somente se liga a sexualidade a mulher, ou seja, se lhe permite a ideia do gozo, como se coloca que o próprio homem pode se ver afetado por isso. Mais abaixo, Galeno até mesmo fala do cínico Diógenes, alegando que a masturbação é uma saída viável e saudável para essa "descarga de esperma preso",

> Está claro que los hombres prudentes no acuden al trato sexual por placer, sino porque quieren librarse de la molestia como si en ello no hubiera placer. Yo creo que también los demás animales se disponen a la unión sexual, no porque crean que el placer es un bien, sino para conseguir la expulsión del esperma que molesta si es retenido, de la misma forma que se ven obligados por naturaleza a expulsar las heces y la orina.

Ou seja, o instinto sexual é precisamente um instinto, tão natural e necessário, como a fome e a sede.

No subcapítulo anterior comentamos o início da terminologia neurose, é mister agora, tratar da "originalidade" de Freud quanto ao assunto que nos compete. Se para este o sintoma é uma representação simbólica de conflitos psíquicos inconscientes, teoriza a Histeria em dois tipos: da angústia, cujo sintoma é a fobia; e da conversão, onde se as representações teatrais são "representações sexuais recalcadas".

Os instrumentos no tratamento da histeria, foram sendo superados no decorrer do desenvolvimento da teoria psicanalítica. Chegando, nos Estudos sobre a histeria, a expor suas contribuições teóricas ao campo clínico, como os conceitos de inconsciente (antiga dupla consciência), recalcamento, ab-reação ("descarga adequada"), defesa, resistência e conversão. Consequentemente, após abandono da teoria da sedução e publicação da Interpretação dos sonhos, "o conflito psíquico inconsciente é que foi reconhecido por Freud como a principal causa da histeria. Ele afirmou, a partir de então, não mais que as histéricas sofriam de 'reminiscências', como nos Estudos, mas de fantasias" (ROUDINESCO et PLON, 1998).

Claro que tais palavras provocaram certo rechaço por uma parte e indignação por outra do público[28].Reiteramos o escrito em capítulos anteriores. Agora optaremos por dois exemplos da literatura para caracterizar o histérico e o obsessivo.

Shakespeare era para Freud um baú de inspirações. Homem de sensibilidade tão extraordinária, em suas obras tratou da natureza humana como poucos e seus personagens tanto primários como secundários, históricos ou fictícios, são de uma riqueza de símbolo e humanidade que até hoje discutimos suas intencionalidades e espíritos.

Quando tratamos da neurose obsessiva, a imagem de Otelo nos vem até nossa mente como uma pura associação. Seu exemplo parece ser o protótipo, principalmente se o colocarmos com nosso exemplo de histérico. Homem obsessionado pelos seus objetivos tanto marciais e amorosos, seu final é o mais esperado por todo aquele que acaba por se perder na fantasia. Somemos certos preconceitos do seu meio projetado na sua pessoa (ele era um mouro em corte católica, e não somente isso, se casou com uma filha de dux) e um personagem como Yago a provocar-lho, e o desastre é apenas questão de tempo.

Para todo aquele leitor que se perdeu em suas páginas, ou em fiéis representações no palco, é impressionante como Otelo se convence fácil. Não são necessárias muitas provas e as utilizadas são as mais banais. No entanto, como era-lhe impossível pensar em outra coisa…

Já no caso do nosso histérico é obvia a escolha por Hamlet. O mundo de fantasias em que ele se insere é revelador. Desde o fantasma do pai a sussurra-lhe os pecados da mãe e de seu novo marido, ao excesso de dramatismo no famoso monólogo de Yorick. Ser ou não ser, a discussão sobre se o suicídio é a melhor saída, o trato com seu entorno, seus próprios movimentos que Shakespeare pinta-os tão vivos. Todos os elementos necessários estão inseridos na figura do príncipe de Dinamarca. Lembremos da cena com sua mãe, da tentativa de assassinato desta e na morte por acidente do pobre Apolônio. Enfim, de "resto o silêncio".

Ainda poderíamos resenhar Lear e Macbeth, até mesmo o pobre Romeu e o raivoso Coriolano. A espetacular personalidade de Ricardo III e os amores de Troilo. Enfim, é um escritor que se deve devorar.[29]

---

28 E certas abordagens não perderam a oportunidade de aliar a psicanálise as praticas mais escandalosas. Vide certo existencialista da instituição e um livrinho bem capcioso.

29 No cânon shakespeareano quase se pensaria encontrar uma relação projetiva onde, como comentam Freud e Jung definindo o processo de escrita do autor, dificilmente se ocultam ingredientes autobiográficos do autor. Infelizmente não possuímos o espaço mínimo para aprofundarmos o conceito de sublimação, mas mesmo assim deixaremos a seguinte interrogante, qual seria a estrutura do inglês?

2.3.2 Psicose e perversão[30]

Um conflito psíquico onde a realidade é transferida a fantasia e a fantasia a realidade, é o que define Freud como psicose. Na neurose o conflito é entre o Id e o Ego, sendo o último provocativo do princípio de realidade, já na psicose, o conflito é do Ego e seu mundo externo o que provoca, obviamente, o delírio.

A famosa "inscrição da falta", ou seja, a não existência da castração, provoca no sujeito a idealização da mãe, que tem por consequência o excesso de dependência por esta. No cinema podemos citar o famoso caso de Normam Bates, na literatura freudiana aquele famoso caso comentando a obra *Memórias de um doente dos nervos*, escrito de Daniel Paul Schreber, popularmente conhecida pelo pavor do sujeito ao cavalo ou qualquer animal que pudesse castrar-lho. E sobre isso é interessante notar o seguinte

> Freud introduziu o conceito de renegação (*Verleugnung*), para mostrar que as crianças negam a realidade da falta do pênis na menina, e para afirmar que esse mecanismo de defesa caracteriza a psicose, em oposição ao mecanismo de recalque que encontramos na neurose: enquanto o neurótico recalca as ***exig***ências do isso, o psicótico renega a realidade.(ROUDINESCO et PLON, 1998)

Ou seja, de novo nos vemos com a problemática do culto ao falo. O poder simbólico do falo e a perde deste, no estudo da antropologia percebemos sua associação a criação do Totem, e por efeito, do Tabu. Existe uma idealização que no momento que não é "racionalizada", cria no sujeito um sentimento de perda enorme, e obviamente, de extrema raiva com o causante desta.[31]

Infelizmente, para Freud, "a psicose ele julgava quase sempre incurável."

Na perversão, palavra derivada do latim *pervertere*, historicamente se definiu como um desviu da prática sexual em relação ao que se acreditava na época o "normal" e "correto". Claro que junto a homossexualidade se incluía o incesto, necrofilia, zoofilia, e tantas dessas outras filias. Anteriormente sentamos a base para este subcapítulo e alegamos como axioma o importante papel da sociedade em relação a este conflito psíquico.

Em Freud, as perversões, se lembrarmos, por exemplo, dos Três ensaios sobre uma teoria da sexualidade, são mais vistas como inversões[32]. Não encontraremos na obra, desde já, um manifesto a favor da liberdade sexual entre todos homens e mulheres, ou como queiram se definir, mas vale

30 Reiteramos nossos motivos para a junção dos dois subcapítulos.

31 Vide o conceito foraclusão de Lacan.

32 É uma definição simples e limitada, muito menos "abominável", se nos permitimos o anacronismo, do que a utilizada pelos seus contemporâneos da psiquiatria. Mas na luta entre abordagens o fanatismo induz a qualquer opinião.

lembrar que Freud compartilhava correspondência e artigos com Magnus Hirschfeld, ativo defensor dos direitos homossexuais.

Como seja, sua interpretação, como tantas outras, seria retrabalhada. Chegando a defini-la como "uma sexualidade infantil em estado bruto, cuja libido se restringe à pulsão parcial". Em outras palavras, um Id em estado puro, ou seja, as linhas que demarcam os limites morais ou legais, são ou inexistentes para o sujeito, ou simplesmente indiferentes.

A perversão seria assim dividida em duas classes, as que tem fixação em um objeto e as que caracterizam pela fixação em um alvo. As primeiras têm "apenas olhos" para um único objeto, sendo impossível, ou muito mais complicado, seu gozo com outro. (incesto, homossexualidade, pedofilia, fetichismo, zoofilia, travestismo). No caso das segundas, distingue entre prazer visual (exibicionismo, voyeurismo), o prazer de fazer sofrer ou de sofrer[33] (sadismo, masoquismo), e o prazer extremo por uma zona erógena. (ROUDINESCO et PLON, 1998)

2.4 COMPLEXO DE ÉDIPO

Inspiração na obra do grande tragedista Sófocles que se inspira por sua vez no mito, o enredo em resumo é o seguinte: Laio tem um filho com Jocasta, o primeiro o abandona em um monte, neste um pastor o leve até um rei, a criança, Édipo (por causa de a) foi pendurado pelo pé para morrer, b) tinha algo de extraordinário nele) cresce em uma família fez até o instante que certos comentários o fazem procurar saber mais do seu passado. Em Delfos descobre que assassinará seu pai e se casará com sua mãe, indignado, no caminho encontra Laio que o trata muito mau, obviamente o assassina. Em Tebas, pois se nega a voltar a anterior pátria por causa da profecia, descobre que existe um monstro, a Esfinge, que promete devorar todo aquele que não adivinhar sua charada, "o que é o que é, de manhã caminha em quatro patas, de tarde em duas e de noite em três". "O homem", responde Édipo, e tristinha a Esfinge se suicida, Creonte oferece o trono vacante e Jocasta em casamento. Todo mundo fica feliz e…

Chega um momento que uma praga está assolando a nação, Tirésias, o adivinho, diz que só terminará quando se resolva o assassinato de Laio. Em determinado momento Édipo acredita que Tirésias e Creonte estão conspirando em sua contra, mas aos poucos, ele vai juntando as peças

---

33 Que não deixam de ser duas faces da mesma moeda.

“Quem nunca sonhou que se acostava com sua mãe?” diz uma inocente Jocasta. O pastor é levado a corte, Édipo descobre finalmente a verdade e se cega, Jocasta se pendura no seu quarto e Creonte o manda em exílio. Apenas sua fiel filha Antígona aceita a sina do pai.[34]

Freud em seus Três ensaios sobre a sexualidade, assume a dificuldade de descrever o sistema psíquico das mulheres, mas anela que seus seguidores consigam compreender e estender o campo teórico que ele lhes lega. No caso do Complexo de Édipo é de se esperar que, como em Jung para o Anima existe o Animus, em Freud, seja possível a criação hipotético-teórica de um Complexo de Electra[35], no entanto, existe um mito muito mais explícito e melhor de se trabalhar sobre esse tema tão tabu. Nas Metamorfoses do poeta latino Ovidio,

> A dónde me arrastran los sentimientos? Qué estoy maquinando? / Os suplico, dioses, piedad filial, sagradas leyes de los padres, / que impidáis este acto impío y rechacéis mi crimen, / si acaso esto es un crimen. Pero no se dice que este amor / vaya en detrimento de la piedad, y los demás animales / se aparean indistintamente. No le avergüenza a la ternera / ser montada por su padre, y la hija del caballo es esposa de su padre, / y el macho cabrío posee a las cabras que él mismo engendró, y las aves / conciben a partir del mismo semen por el que han sido concebidas. / Felices aquellos a quienes esto se les permite! La conciencia de los hombres / ha concebido leyes estrechas, y aquello que la naturaleza permite / es negado por esas leyes odiosas. Pero dicen que existen pueblos / en los que la madre se une con el hijo, y el padre con la hija, / y piedad filial crece por un amor duplicado. / Pobre de mí, que no me toco nacer entre ellos, y me perjudica / el lugar que ha tocado! Por qué me enredo con todo esto? / Marchaos, prohibidas esperanzas! Él es digno de ser amado, / pero sólo como padre. Ergo: si yo no fuese hija del gran Cíniras, / podría acostarme con Cíniras; y entonces / es mío pero no es mío, y me resulta perjudicial / la misma cercanía; siendo otra podría lograr más.

Voltando ao Complexo de Édipo,

> Freud foi adorado pela mãe e teve uma relação privilegiada com ela. Foi a partir desse contato que ele construiu sua teoria do complexo de Édipo, cuja evocação se encontra na *Interpretação dos sonhos*. Aos quatro anos, deslumbrou-se com sua nudez e teve, seis anos depois, um célebre sonho de angústia: “Minha mãe querida, com uma expressão no rosto particularmente tranquila e adormecida, levada para o seu quarto e estendida no leito por dois (ou três) personagens com bicos de pássaro.

34 Indicamos não somente a trilogia tebana de Sófocles, como também a obra Biblioteca de Apolodoro, para uma visão “mais fiel” do mito.

35 Particularmente prefiro seu irmão Orestes no lugar de Édipo e por consequência, Clinmtenestra no lugar de Jocasta. Impressionante a similitude entre os mencionados mitos e outros. Vide, a trilogia (oresteída) de Eurípides.

A sua interpretação é das mais curiosas, os bicos seriam uma analogia a aparafusar (*vögeln)*, que aparentemente em alemão tem conotações sexuais e os pássaros em si, *"*remetiam à divindade egípcia reproduzida na bíblia familiar que o pequeno Sigmund tinha o hábito de folhear. O sonho traduzia assim o desejo sexual da criança pela mãe (ROUDINESCO et PLON, 1998).

2.5 COMPLEXO DE CASTRAÇÃO

O Complexo de Castração é uma evolução do Complexo de Édipo. No subcapítulo sobre Psicose, escrevemos o medo da figura castradora do pai e a visão perturbadora do não-falo na mulher[36]. Em um processo de desenvolvimento psíquico "normal", o menino abandona o objeto de desejo chamado mãe e passa a identificar-se com o pai, assim permitindo encontrar um objeto "não tabu".

No estudo das culturas antigas não é raro encontrar cerimônias "castratórias" relacionadas a magia simpatética da fecundidade do solo, vide por exemplo, o culto a Grade Deusa Cibeles, na frígia e seus degenerados sacerdotes, os galos. Bem como, não é raro encontrar em outras culturas a circuncisão como símbolo de transição a vida adulta ou ligação com suposta, ou supostas, divindades.

Como expomos ao longo do trabalho, é entendível situarmos essa idiossincrasia desde os paleantropídeos, tendo seu auge na época dos caçadores previa ao processo de "agriculturalização" e formação de civilizações. Nessa transição de milênios, e que até hoje se efetua em muitas regiões, escrevemos que a essência daquela pristina filosofia continuava mascarada em outras formas contemporâneas.[37] A brilhantez de Freud esta em levar o macro ao micro, ou seja, em colocar todo esse processo no interior da família.

Desde o mito idealizado do assassinato do Pai Primevo, ao pai e cavalo castrador, Freud trabalha esse complexo, que para Lacan

> ….a angústia de castração indicaria que a operação normativa, que é a simbolização da castração, não teria sido completamente realizada. A simbolização se realiza através do Édipo. A castração, isto é, a perda do objeto perfeitamente satisfatório e adaptado, é simplesmente determinada pela linguagem, e o que permite simbolizá- la é o Édipo, ao atribuí-la a uma exigência do Pai (a função paterna simbólica, tal como nós a imaginamos) em relação a todos. Sendo simbolizada a castração, habitualmente persiste

36 Na medicina medieval se chamava o órgão feminino de pênis invertido. Apenas escrevo como uma curiosidade capciosa.

37 Vide as obras supraditas de Frazer e Eliade.

uma fixação ao Pai, que é nosso modo comum de normalidade (é o que o termo "sintoma" designa, em sua acepção lacaniana). (CHEMANA, 1995).

2.6 SINTOMA

Desde os sintomas histéricos que encontramos nos pacientes do austríaco, dores na garganta, barriga, paralisia, etc.., aos sintomas evidenciados na clínica escola, a miríade de sintomas é quase simétrica a miríade de variações de histeria.

Obviamente não somente aos histéricos cabe o sintoma resultante do conflito psíquico. Mas é neles que se revela mais "dramático", no sentido de teatralizado.

No entanto, como escrevem brilhantemente Laplanche e Pontalis

> El inconsciente freudiano es ante todo e indisolublemente una noción tópica y dinámica, deducida de la experiencia de la cura. Ésta ha mostrado que el psiquismo no es reductible a lo consciente y que ciertos «contenidos» sólo se vuelven accesibles a la conciencia una vez se han superado las resistencias; la cura ha revelado que la vida psíquica está «[...] saturada de pensamientos eficientes, aunque inconscientes, y que de éstos emanan los síntomas»

e

> La proliferación de los síntomas puede explicarse por el retorno de lo reprimido, lo cual viene favorecido por una actitud más tolerante respecto a la neurosis, o también por el deseo del paciente de demostrar al analista los peligros del tratamiento.

Logo, é nossa função como futuros analistas, senão provocar, ao menos, autoevidenciar ao paciente a relação entre o sintoma psíquico com o sintoma somático[38]. Muito cômodo seria tratar-lhos como sintomas de possessão demoníaca, somente precisamos continuar na velha filosofia de buscar no outro o que se encontra em si mesmo.

Infelizmente tal atitude da psicanálise provoca resistências que podem ser interpretadas como medo a revelação. Pois, mesmo que se responda com excessivos "não sei", a realidade demonstra a falácia de tais palavras[39].

---

38 Na linguagem da antiga psicanálise, provocar um efeito catártico.

39 "Devo só me deitar e ficar falando? Só isso?", depois se ofendem quando devolvemos, "só isso?".

2.7 MECANISMOS DE DEFESA

> Sigmund Freud designa por esse termo o conjunto das manifestações de proteção do eu contra as agressões internas (de ordem pulsional) e externas, suscetíveis de constituir fontes de excitação e, por conseguinte, de serem fatores de desprazer (ROUDINESCO et PLON, 1998).

A resistência deve ser um dos conceitos mais dignos de menção no processo analítico[40]. Como uma sombra se adapta as mais variadas formas e figuras, utiliza-se, sem nenhum recato ou moralidade, sem nenhuma suposta importância que não seja para com a defesa do sujeito. Convenientes perdas de memória, a própria atração libidinal para com o analista, o uso de palavra x por y, os inúmeros "não sei", raiva, tristeza, desistência, o mágico encarecimento da hora, a aparição de eventos dos mais extraordinários que impossibilitam justamente o analisado de ir, e até mesmo o chiste. "Capital é líbido", diz nossa supervisora, imagine caro leitor, no caso da Clínica Escola onde é gratuito o atendimento, os mecanismos de defesa fazem o que querem com o predisposto paciente.

Alguns exemplos podem ser vistos em filmes como Amnésia com Guy Pearce ou A ilha do medo com Leonardo di Caprio. A luta interna no caminho do herói na literatura, certos traços e sombras nas pinturas e as notas que compõem o introitos e kyrios do Requiem de Mozart. Enfim, o próprio estágio é provocativo nesse tema. Presenciar no outro tais resistências é sensacional para o acadêmico e estudioso do Homem.

Nossa supervisora sempre saliente, seguindo Freud, que devemos ser um espelho para nosso paciente, mas, quantos deles adoram sujar-lho ou empoeirar-lho das mais diversas formas! O trabalho do analista seria dos mais sem graça e superficiais senão existe-se tal mecanismo, e a associação livre, no mínimo, seria inútil.

No entanto, é impressionante que no campo do sonho a forma psíquica de trabalho é outra. Este paraíso amoral tão bem retratado em pintores renascentistas como Brandino e Hieronimos Bosch, no primeiro, retratando o amor incestuoso de Vênus e Cupido, com o Desespero a esquerda, e o Tempo tratando de ocultar-lhos baixo uma manta; no segundo, um Jardim das Tentações, onde o pintor não se preocupa nem um pouco em utilizar-se do sarcasmo para com seu ambiente e provocar a hipocrisia.

Na Interpretação dos Sonhos, Freud escreve sobre o valor de "contrapeso" do sonho, este tem como um dos misteriosos objetivos, liberar a libido de alguma forma, logo, não é surpreendente que figuras míticas como os Sucubus e Incubus, passassem a existir na mente popular. A polução

---

40 Ou como desculpa se o paciente vai embora.

noturna em sociedade, ou vida, tão restrita ou limitada é clara causa. A censura se dá no acordado e raramente no dormente.

Os símbolos pululam e como Jung uma vez questionou, quanto de novo sonhamos, quão diferente é nosso sonho ao do outro, e que diferenças essenciais realmente devem existir em relação aos primevos homens. Vejamos por exemplo o famoso sonho das criptas etruscas de Freud, este assume que se deu a predisposição para tal cenário, mas também assume, que certos elementos ele evita interpretar, para nós, seus leitores. Mas não tem reparos em nos explicar o seu sonho com sua mãe! Com Laplanche e Pontialis,

> la defensa del yo Freud lo mantendrá hasta en uno de sus últimos escritos: «Los mecanismos de defensa contra los antiguos peligros retornan en la cura en forma de *resistencias* a la curación, lo cual es debido a que la misma curación es considerada por el yo como un nuevo peligro» (4 *a).* Desde este punto de vista, el análisis de las resistencias no se diferencia del análisis de las defensas permanentes del yo, tal como se ponen de manifiesto en la situación analítica Ahora bien, Freud afirma explícitamente que la resistencia evidente del yo no basta para explicar las dificultades halladas en la progresión y terminación del trabajo analítico; el analista, en su experiencia, encuentra resistencias que no puede atribuir a alteraciones del yo (4 *b).*

3. LOCAL DE ESTÁGIO

Devido aos efeitos colaterais da pandemia, toda a situação de atendimento foi extraordinária. Não utilizamos uma sala de clínica e sim uma sala de aula normal, tal decisão tomada visando o distanciamento social.

Uma crítica importante que pode-se fazer em relação a sala é o ambiente de opressão que se cria e a incapacidade da fuga do outro[41]. Sem comentar a falta de conforto das cadeiras. No entanto, é interessante observar que cadeira é a escolhida pelo paciente.

Obviamente, todas essas salas fazem parte da instituição Esucri, que em si dispensa maiores comentários.

Resumindo, os locais de estágio se dividiram no hall de entrada da faculdade. Que em si nada tenho a criticar, a não ser talvez um local mais específico para as crianças enquanto os pais são atendidos.

41 Conferir "Sobre o início do tratamento (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I)" de Freud.

4. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

As atividades desenvolvidas se basearam em duas etapas presenciais e três teóricas. Sobre as etapas presencias nos referimos ao processo de triagem, que particularmente para nossa abordagem é um insulto, sem falar do prontuário. O paciente é encaminhado pela psicóloga secretária Rafaela, busco-o no hall de entrada e em uma escuta de uma hora trato de completar o supradito. É desnecessário comentar que deixo essa última parte para precisamente, o último.

Não necessariamente o paciente da triagem é nosso paciente de clínica[42]. A supradita Rafaela nos encaminha paciente x de triagem y, e semelhante a triagem, fazemos a escuta, mas nesta, pessoalmente permito maior intimidade, pois, certas informações não são essenciais para meu entendimento na triagem e seria antiético, ou ao menos, assim o interpreto.

Sobre a supervisão, estudo e preparação dos trabalhos: em relação a primeira, foram efetuadas nas segundas-feiras junto a outros colegas estagiários, nelas trocamos experiências, debatemos a abordagem e formos "aconselhados" pela supervisora; em relação as obras indicadas para leitura, reiteramos sua enorme utilidade quanto ao posicionamento prático e teórico na clínica; e em relação aos trabalhos, foram estes o presente que o leitor está lendo e um diário de campo.

4.1 APRESENTAÇÃO GERAL[43]

N. de triagens	N. de pacientes (quantidade de pacientes atendidos em psicoterapia)	N. de encaminhamentos
5	7	1[44]

4.2 ATENDIMENTOS CLÍNICOS NO ESTÁGIO I

N. de paciente	Identificação	Procedimento	Período
1	J.[45]	Triagem	10:00-11:00 (24-09-20)
2	B.	Triagem	09:00-10:00

42 Parabéns aos organizadores.

43 Para mais informações nesse subcapítulo e no seguinte, consultar o **Diário de Campo**.

44 No caso o paciente da primeira triagem efetuada. Ideação Suicida, logo, encaminhamento a um psiquiatra seguindo o protocolo. Vide **Diário de Campo**.

45 Como fiquei na dúvida quanto a identificação preferi optar pelo mesmo método do **Diário de Campo**.

3	Br.	Atendimento	10:00-11:00
4	I.	Triagem	09:00-10:00
5	A.	Atendimento	09:00-10:00
6	R.	Triagem	10:00-11:00
7	J. C.	Atendimento	10:00-11:00
8	N.	Triagem	11:00-12:00

4.3 ATENDIMENTOS CLÍNICOS NO ESTÁGIO II

N. de paciente	Identificação	Procedimento	Período
1	L.	Atendimento	11:00-12:00
2	M. C.	Atendimento	08:00-09:00
3	V.	Atendimento	09:00-10:00
4	J. C.	Atendimento	10:00-11:00

5. ESTUDO DE CASO

Optamos por transcrever de forma literal as sessões (retirado do nosso Diário de Campo referente ao Estágio Clínico II), para logo após escrever nossas considerações baseadas na bibliografia e reflexão própria. Ao final, dedicaremos algumas linhas como conclusão e palavras finais.

5.1 SESSÕES

30/03/2021

(1) M.C., horário 08:00-09:00:

M.C., mulher de 63 anos, procurou ajuda psicológica alegando como motivo de queixa problemas familiares. Estes, no primeiro momento, nasceram a partir da morte da mãe e no reparto da herança. Segundo a paciente, a casa seria metade dela, ou seja, a parte da falecida mãe, e a outra

metade, já por parte do também falecido pai, seria repartido entre os irmãos. Um detalhe, estes já possuem uma vida "encaminhada", não sendo, nas palavras da paciente, de relevância a parte econômica do reparto, o que na realidade foi bem pelo contrário. Como corvos devorando uma carcaça, todos os pedacinhos foram exigidos e um testamento de boca, passou a ser arauto de graves separações e lides.

"A mãe sempre disse, quando ela morresse, era para o resto cuidar de mim". Tal argumento nascia de um suposto sentimento de retribuição e justiça, visto que durante toda sua vida se dedicou ao cuidado da mãe. Na verdade, a parte de cuidado foi somente na fase final da falecida, mas a paciente acredita que ter morado com ela e o pai toda sua vida é o mesmo.

A primeira sessão foi bem produtiva. Foi reiterado o pedido da "vontade de ser escutada", de poder "jogar isso para fora". Nosso papel foi somente servir de ouvido, e nossas intervenções foram as mais mínimas possíveis. É compreensível, por sua vez, que toda a história fosse composta de um quebra-cabeças em que as peças seriam combinadas racionalmente nas próximas semanas.

Desde um primeiro momento se desenvolveu uma relação transferencial das mais interessantes. Por algum motivo, a paciente acreditou que meu nome fosse um diminutivo de Alexandre e que me apresentei com o tal. O que não faz muito sentido, no entanto a situação foi a seguinte, e perceba-se a "sinceridade".

-Meu nome é Sacha.

-Que nome feio.

-Culpe minha mãe (dou uma risadinha). Em russo é o diminutivo de Alexandre.

-Então tá, Alexandre.

Logo, fiquei como Alexandre, independente que meu crachá tenha meu nome, que as outras estagiarias me chamem pelo nome, que a secretária me chame pelo nome…

Enfim, finalizando a sessão, ela comenta ter gostado de mim e que acreditava ser um caso simples de resolver, um probleminha, que não queria ocupar o lugar de gente mais necessitada, etc… A questão é que não demoraria muito para parar de vir.

06/04/2021

(2) M.C., horário 08:00-09:00:

Um *leitmotiv* da paciente é o seguinte: recomeça a mesma história, sobre a partilha da herança, só que a cada sessão ela acrescenta não somente algum novo detalhe, como também se permite ser mais crítica com os irmãos. Pois ela reitera muito, “eu já perdoei, não guardo rancor, é família”, também, “mas uma família não faz isso né”. E é interessante notar como ela procura minha empatia, como desenvolve vários pontos de vista que a coloquem sempre como a vítima de toda situação. Não que não seja, a questão em si está como ela se coloca nesse papel. O que fica mais evidente a cada nova escuta.

Para não entrar em detalhes supérfluos, escreveremos sobre dois irmãos em especial. Pelo menos até esse momento, posteriormente outros ganharam mais profundidade de personalidade.

Um dos irmãos, que chamaremos de V., é uma espécie de *bon vivant*. Casado durante algum tempo, não por isso “sossegou”, e tendo um apartamento da sua época de solteiro especialmente para seus fins hedonistas, “contratava” sua irmã para a limpeza deste e para servir de “álibi”. Claro, que na, dita pela paciente, moral cristã era muito mal visto e provoca sérios problemas de consciência. No fim, ela decidiu não participar mais.

A questão de relevância com esse irmão é o fato dele ser o mais crítico. O dos comentários mais malévolos em relação a pacata vida da paciente e seu comodismo na casa dos pais.

Vejamos certos detalhes. A paciente teve apenas dois namoradinhos de juventude, e alegando medo do pai e desilusão do ser masculino, nunca se envolveu com mais ninguém. Um destes até mesmo tinha oferecido fugir ela, evitando assim a possessão do pai. Uma das irmãs fez isso (e escrevamos, foi a paciente quem a dedurou), nas futuras sessões, questiona-se se ela não deveria ter feito o mesmo. Enfim, o pai morreu vinte e cinco anos atrás e a mãe começou a sair bastante, aproveitar a liberdade da vida, ela, por sua vez, ficava em casa. Muitas vezes traz no seu discurso que sempre a chamam de “perigosa e fofoqueira”, obviamente em referência a ela ser muito “metida” na vida alheia.

Esse irmão não perde a oportunidade de importuná-la com esses detalhes, mesmo agora muito mais velho (passado os sessenta) e todos seus argumentos se resumem a suposta infelicidade da irmã que quer complicar a vida alheia, mal amada, etc… O que se deduz, de forma obvia, que ela também não deixou de participar do seu casamento e dar “pitaco” em outras coisas associadas a este. “E eu que nem tenho casa própria… e você vai querer uma”, uma frase recorrente na boca do irmão. Enfim, ela diz tratar de evitá-lo, mas chama a atenção como este supostamente corre atrás de informações sobre ela e ainda para criticá-la.

O segundo caso que merece nossas linhas é relacionado a irmã, que chamaremos de I.. Uma vez morta a mãe, não demorou muito para que vendessem a casa, a questão passou a ser o que fazer

com a paciente. Uma delas se prontificou a levá-la para sua casa… Moral da história, menos de um ano demorou a estadia e ainda foi literalmente expulsa em plena pandemia, e para melhorar, em época de festas de final de ano. Os motivos? Diz a paciente que os filhos dela, que não moravam na casa, que eram já casados e de vida própria, fizeram a cabeça da mãe, pois, segundo elas, ela estava se acomodando para não sair mais. Certo dia a paciente chega do seu rotineiro caminhar, e na sala encontra os três, de forma objetiva a expulsam e dão o seguinte prazo, era uma quarta, tinha até sexta, porque sábado eles iriam para a praia. Futuramente, em posteriores sessões, será ouvido outros detalhes, como por exemplo, que a paciente se metia mais do que deveria na vida desses filhos, que falava mal deles para a mãe, que como madrinha se sentia na obrigação de intervir, enfim, um problema que veremos ser recorrente na vida da paciente.

Como detalhe, na festa de virada daquele ano (2020), a irmã teve que ser internada por causa de um AVC. A família alegou ser por causa da paciente e do estresse provocado por ela, a paciente, por culpa, "e tenho certeza que até hoje ela se arrepende disso".

No fim, uma amiga a socorreu e depois de alguns meses de favor na casa dela, conseguiu um cantinho com outra amiga. E nisso existe um fato cômico, "já paguei meu primeiro aluguel" diz ela feliz, a questão é que já estava no terceiro mês…

Como o dito na primeira, são muitas informações e uma hora bem utilizada. No entanto, aquela ideia de ser "curada" é repetida, a "demora do tratamento", se "já começamos". Enfim, uma impaciência que nas próximas sessões será mais interessante analisar.

13/04/2021

(3) M.C., horário 08:00-09:00:

Que o leitor anote e guarde essa informação, "hoje ela apareceu mais cedo". A partir dessa sessão a paciente começará a chegar cada vez mais cedo, ao ponto de 07:15 ela já se encontrar na instituição. No começo utilizará de desculpas quanto ao horário, mas nas últimas, chega ao ponto de questionar-me eu chegar tarde. E nisso escrevo o seguinte, no começo chegava mais ou menos 07:30 na faculdade e atendia ela até cumprir a hora, ironicamente ela cobrava que não eram as 09:00 ainda. A questão é que por motivos óbvios não faria isso e cheguei a conclusão que deveria chegar mais tarde e assim obrigá-la indiretamente a cumprir o horário estipulado no contrato. Ela pode reclamar, mas não deixa de continuar a vir mais cedo e até mesmo conversar com outros estagiários… até mesmo sobre mim.

Outra das sinceridades da paciente.

-Você é do Treze de Maio…

-Pois é (trato sempre de não falar sobre minha vida pessoal).

-Tu é meio colono então.

E o pior é que nem foi para ser engraçado.

A sessão não foi tão fértil em informações como as anteriores, no entanto, permitiu que compreendesse muito mais sobre como encaixá-las. Por exemplo, é nesta que os namorados ganham mais personalidade. E no último, aquele que queria fugir com ela, conta que era um bom rapaz e ela gostava muito dele. O problema era o seguinte, o pai apenas deixava as irmãs saírem se fossem acompanhadas pelas outras, acontece que nossa paciente era sempre essa outra, a que sobrava, e quando foi ser o contrário, não encontrou nenhuma que a secundasse. Na verdade, aquela que fugiu, era a mais próxima a uma amiga, e como fugiu, sobrou aquela outra que no futuro expulsaria ela de casa. "I. apenas saia quando ela tinha o namoradinho dela e sempre falava que o meu iria me abandonar, que não era uma boa pessoa."

Certo dia, já na casa dessa irmã, a paciente comenta de um jardineiro que, segundo ela, tratava de cortejá-la. O interessante é que esse jardineiro relata ter ouvidos certas conversas da irmã com seus filhos, sobre como a paciente incomodava e como deveriam dar um jeito nela, a inocente paciente diz que ela não deu atenção a tais avisos e acreditou ser mentira do bom homem.

Pelas próximas sessões, outra *leitmotiv* surgirá, a ameaça de não vir mais. De acreditar que seu problema é uma bobagem e tem gente mais necessitada, pois nossa querida paciente sofre de extrema empatia e índoles filantrópicas. Fala com orgulho sobre seus trabalhos benéficos, tanto no âmbito da religião, Igreja Católica ou Centro Espirita, como no social, assembleias de bairro, etc…

20/04/2021

(4) M.C., horário 08:00-09:00:

Continua-se o mesmo relato, da forma como bem mencionamos acima. Nenhum detalhe de primeira ordem foi levantado, mas, por sua vez, abriu-se uma possibilidade para a próxima sessão, quando a paciente relata dois pontos interessantes: seu amor pela jardinagem e o medo pelo pai.

Novamente fala-se no abandono do tratamento e a cobrança pela suposta "alta", mesmo explicando que a psicanálise não trabalha com "curas".

27/04/2021

(5) M.C., horário 08:00-09:00:

Questionei sobre o final da anterior sessão e pedi para que ela me falasse mais sobre esse amor a jardinagem e os medos do pai.

Sobre o primeiro, diz que ela sempre foi apaixonada por flores e que nessa nova casa ela ainda está preparando o ambiente. Diz que é uma forma de ocupar a cabeça, pois ela sofre muito de pensamentos ruins e não sempre a oração resolve, na verdade, alivia, mas não o suficiente. E para não ficar de cama o dia todo, vendo televisão, é muito bom cuidar do jardim.

Antigamente tinha os encontros no Centro Espírita, fazia-se croché para futura doação. A pandemia mudou sua rotina, muito no âmbito social. Ela diz sentir-se muito sozinha, e por mais que odeie o antigo bairro, aquele onde morava com a mãe, pelo menos lá as ruas eram movimentadas, aqui, era de pessoas mais velhas e reservadas. Uma ótima nota é a seguinte, seu ódio nasce do antigo grupo de Igreja onde se era "cristão só de nome". Ela cuidava da "Mãe Peregrina", uma atividade que se resumia em passar a figura da santa de casa em casa e cuidar de outras atividades proselitistas e benéficas. A questão é que, nas palavras da paciente, só ela se importava e o resto apenas comparecia para fofocar…

Sobre o pai, ela conta que a mãe teve muita culpa sobre isso, pois, existia um terrorismo psicológico muito forte em relação a ele. "O pai tá chegando, todos para o quarto", e continua, "apenas ele podia decidir quando veríamos televisão, tínhamos apenas dois presentes no ano, para comprar brinquedo ou roupa, o difícil que era o trato com nossos namorados, e a nossa única saída era a casa de praia na temporada", mas, "ele não deixava faltar nada em casa". Lembremos da "libertação" da mãe na morte do referido e podemos desenhar um pouco da situação. O engraçado que ela alegava ser a favorita, pois era a única que o defendia…

Resumamos a interessante história de vida desse pai. Filho de circo, foi abandonado na porta de uma família rica de Criciúma. Criado como filho único e com todos os mimos, foi jogador de futebol e conhecido pelo que hoje chamaríamos de "boleiragem". A mãe era de família mais humilde, mas acomodada, os dois se conheceram e a paixão tomou conta. Infelizmente a família desse pai acabou falindo por péssimos negócios, o futebol não vingou e acabou trabalhando em uma mina. Todos os dias se arrependia de ter conhecido essa mulher, dos seis filhos que com ela tivera e se comparava constantemente com seus antigos companheiros, que agora ele pobre pouco se importavam. Bebia e saia, mas, nas palavras da paciente, sempre voltava, o que pelo visto é um

grande elogio. Morreu por causa de um infarto, uma vez saído da mina, começou a trabalhar com fretes, certo dia chegou mais cedo em casa e perguntou sobre a paciente, esta por algum motivo não se encontrava em casa no momento, ele ficou bravo com isso por algum motivo, e saindo para a entrega de um frete, na hora de descer um armário, deu um ataque, o armário caiu encima dele, e levado ao hospital, morreu no caminho.

Interessante também que a paciente não gosta para nada de praia, mas sonha muito com ela e com sua família reunida. "Isso é uma família, se reunir e almoçar todo mundo junto", ela diz sentir falta disso, e questionada sobre se essa união era mais ilusória do que real, "pode ser, pois quando a mãe morreu, ninguém mais foi atrás de ninguém". Diz que de vez em quando se reúnem na casa de I., principalmente em importantes festas do ano, no entanto, nunca é convidada. Diz que não esquece um aniversário, pelo menos liga, agora o dela…

Novamente diz que ficará só até semana que vem. Claro.

04/05/2021

(6) M.C., horário 08:00-09:00:

É obvio que o escrito nas sessões anteriores é a partir de uma visão a posteriori, ou seja, existe hoje um entendimento do pano de fundo que naqueles dias estava se formando. Essa sessão em especial foi muito útil no âmbito lógico da construção racional do discurso, em outras palavras, o assunto foi o mesmo, mas "historicamente" mais preciso.

A paciente está longe de sofrer de delírios temporais, a questão se resume naquela ânsia pela fala. Por entregar sua versão, ou como acredito, para tratar de convencer-me. Existe um relato pronto e um relato real, o dito pronto, é aquele superficial, aquele em que os elementos que podem ser utilizados em sua contra ou são deixados de lado, ou retrabalhados, o relato real é muito mais passional, e digamos, a paciente mostra sua verdadeira raiva. Hoje a mãe não é mais aquela santa que merece ser cuidada e ovacionada, não, hoje ela é aquela manipuladora que a base da "chantagem psicológica", palavras cunhadas pela paciente, construiu uma rede que a prendeu durante 58 anos. Que se ela ficasse sozinha morreria, que a paciente era sua filha favorita, que a companhia lhe era essencial, que no futuro ela teria sua vida e poderia se preocupar tranquilamente, que os irmãos cuidariam da suposta recompensa. Enfim, tudo o que se pode esperar em tais casos.

Questionada sobre como na psicanálise interpretamos a ação da pessoa x, ou melhor, sua escolha normalmente conleva a uma gozo, ela assume seu comodismo e como era muito mais fácil

viver naquela bolha, naquele pequeno mundo onde não existiam problemas, ao menos, não em que ela fosse protagonista. Anotemos que futuramente ela assumirá que muito do "ser metida" se deve a vida sem graça que levara, e que hoje, dona da sua liberdade, ora por escolha ora por necessidade, não se encontra com a mesma disposição e prefere concentrar-se em si.

Aos poucos ela começa a se ouvir e isso é a verdadeira panaceia do set terapêutico. Ela agradece no fim da sessão, não fala em desistir e que lhe faz bem vir todas as terças.

11/05/2021

(7) M.C., horário 08:00-09:00:

Viver no passado é um dos grandes defeitos assumidos pela paciente. Ela se perde nas associações das histórias, por exemplo, hoje ela quis explicar os motivos da importância da psicologia e começou por uma conversa com uma amiga de igreja que acabou levando a falar da família dela, dos relacionamentos dos filhos, que estes eram casados com sei la quem… trato sempre de trazê-la ao assunto, e em comparação com as primeiras sessões, ela já melhorou muito quanto a isso e sabe se "policiar", ou ao menos, trata de aparentar não se importar.

Ela está ciente que precisa olhar para a frente, que pela primeira vez deve começar a viver. Antes falava sobre a vontade de morrer, ou melhor dito, que seria muito mais fácil se um dia ela não acordasse, que tais pensamentos não eram recorrentes, mas apareciam. "No entanto, é isso que meus irmãos esperam de mim, que eu desista, que corra para eles… não lhes darei esse gostinho, vou ficar bem e viver minha vida."

Pode não aparentar em nosso sucinto relato, mas tais palavras foram ditas com firmeza e aquele brilho no olhar, poucas vezes ela demostra se emocionar e está foi uma delas.

Já na sessão passada havia comentado indiretamente sobre sua "mediunidade". Como ela frequentava um Centro Espirita era de se esperar alguma coisa do tipo. Na presente ela divagou mais sobre e explicou alguns dogmas da religião, mesmo assumindo ser católica, não pode negar a realidade e o sentimento de conforto encontrado nesta outra. Diz que as almas das pessoas recém-falecidas buscam por ela, pela sua oração. Diz que até mesmo sua mãe muitas vezes a visitou. Questiono como é isso. Alega que algumas vezes aparecem em sonhos, outras, acordada, ora no canto do quarto, ora em vultos que aparecem na sua janela. Explica-me que uma mulher mais idosa e experiente do Centro uma vez lhe explicou, "pessoas boas atraem essas almas, pois elas buscam uma direção", "reze e reze, elas não farão mal", "deixe sua mãe partir, quando ela vier, diga que não

há rancores" e "não é a primeira vez que você passa por isso com sua família e temo que não seja a última". Quando questionada sobre a última frase, "não se trata de um antes ou depois, apenas que se eu não resolver isso nessa vida passarei por algo parecido". Perguntada se isso não era suficiente incentivo, ela apenas ri e diz concordar.

18/05/2021

(8) M.C., horário 08:00-09:00:

Nenhuma grande novidade quanto aos relatos, apenas a reiterada vontade de mudar da paciente, principalmente em se desapegar do interesse pelas vidas alheias, que sempre lhe meteram em confusões. Não foi comentado nada daquilo ser a "última semana", mas diz que sentirá minha falta e pergunta quando me formarei e se poderei fazer um "bom preço".

25/05/2021

(9) M.C., horário 08:00-09:00:

Dois fatores de interesse apareceram na presente sessão. O primeiro, uma fofoquinha sobre certa estagiária, e segundo, os questionamentos de uma das irmãs quanto ao processo terapêutico.

Anecdótico e ilustrativo foi o comentário sobre a supradita estagiária. Como nossa paciente chega sempre bem mais cedo do que minha pessoa, ela acaba conversando com uma colega que por motivos de ônibus e ser de outra cidade, chega 07:00 na instituição. No entanto, nesse dia, deu que a pobre estudante estava distraída no celular, mais preocupada em passar o tempo na alienação de uma rede social do que conversando com uma mulher mais velha e paciente do seu amigo. Uma vez que cheguei, subindo as escadas, M.C. diz querer falar-me algo, mas apenas o confidenciará na sala de aula. Apenas chegamos, ela comenta, "Fulaninha não será uma boa psicóloga", enquanto estou abrindo as janelas, observando de por si o exterior, questiono os motivos de tal assertiva, ela responde um sonoro e simples, "não me deu atenção". É obvio que apenas desconversei.

Enquanto escrevo estas linhas, lembro que na sessão passada, ela perguntou pelo meu sotaque, expliquei que não era do país e continuei a sessão. Hoje, em algum assunto que queria mais informações,

-Mas você não me conta nada…

-E nem devo, sou seu psicólogo e você é a paciente – sorri e ela riu alto.

Esta é a irmã que fugiu e que odeia I., pois não somente fugiu, mas teve o probleminha técnico de ficar grávida e o pai sumir para outro país. Por motivos de consciência, minha paciente fez de tudo para que ela fosse novamente aceita na família, no entanto, I. fazia de tudo pelo contrário. No fim da história, o pai aceitou ela de volta e a vida continuou, mas certas relações nunca mais se recuperaram.

Voltando ao presente, a paciente alega que sua irmã é muito mandona e exigente, se as coisas não são como ela quer ou acha, ela fica brava e "esperneia". "Ela disse que não fazia sentido nenhum continuar indo ao psicólogo, pois já falei tudo que tinha para falar e não mudei em nada. Pior, ela disse que deveria te perguntar senão poder vir para desmentir tudo o que eu disse e contar a verdade". Ela ri enquanto fala isso, mas, mesmo assim, realmente me questiona se ela pode vir. Obviamente digo que ela não é minha paciente.

Enquanto conversávamos sobre, a paciente chegou a seguinte conclusão, "ela diz isso, pois teme que eu fique louca e não tenha ninguém para cuidar dela" e "na minha vida sempre fui mandada e nunca mandei. Se eu ficar melhor minha irmã perderá o controle sobre mim". Questionei mais sobre isso e peguntei como seriam os papéis inversos, se minha paciente seria cuidada, "só se for no asilo, já até separei um dinheirinho para o caixão".

E sobre o último, ela diz querer ser enterrada junto a sua família e relata sobre um irmão que foi incinerado e até hoje a família se arrepende. As vezes parece, quando o assunto começa a frequentar estes rumos, que a família senão foi unida em vida, ela espera que, pelo menos, seja em morte.

01/06/2021

(10) M.C., horário 08:00-09:00:

Fora a reiteração dos mesmos temas, hoje conversamos muito mais sobre sua "mediunidade". A paciente trouxe-me um presente e disse ter melhorado muito desde a primeira sessão.

08/06/2021

(11) M.C., horário 08:00-09:00:

Novamente a paciente trouxe um presente. Continuação dos mesmos temas, relação com a família, medo do futuro…

15/06/2021

(12) M.C., horário 08:00-09:00:

Continua me presenteando… nenhum novo tema a relatar; possibilidade da paciente de encerrar as sessões por causa de uma vaga de trabalho como cuidadora, mas, mesmo assim, relata que fará de tudo para harmonizar os horários.

22/06/2021

(13) M.C., horário 08:00-09:00:

A vaga de trabalho não deu certo de momento e continua uma sessão sem nada a acrescentar que não tenhamos comentado em outros momentos. Parece que a "estabilidade" é mais fruto do desenvolvimento da confiança que precisamente a falta de temas "problemáticos" para tratar. Existe uma evidente vontade da paciente por melhorar e "autocriticar" o que é "banal" no seu discurso, ela mesmo passando assim a aprender a se ouvir.

29/06/2021

(14) M.C., horário 08:00-09:00:

Foi como a sessão passada. No entanto, por causa do frio e de problemas de saúde, diz que se não faltou nessa, muito provavelmente faltará na próxima. Que não faltou porque precisava me ver nessa sessão e me dar um abraço, agradecer por tudo, que fiz uma enorme diferença em um momento muito difícil da sua vida e lamentar que não serei eu o estagiário a continuar seu tratamento, mas, "graças a você aprendi que a psicologia pode ser muito boa, aprendi a confiar nela, e por isso continuarei". Um final feliz diria.

5.2 CONSIDERAÇÕES

Em toda nova sessão, trato de iniciar com uma apresentação da abordagem, explicar ao paciente de que se trata a psicanálise e familiarizar-lha com nossas ferramentas ou alguns término dela. Questiono se já ouviu falar, o que ouviu, se já frequentou algum psicólogo, enfim, perguntas que me permitam entender o que o paciente entende por Psicologia e o que pretende desta. Introdução esta que está de acordo com o abordado nas primeiras supervisões e textos freudianos debatidos. Uma vez exposta nossa regra fundamental, *"regra constitutiva da situação psicanalítica, segundo a qual o paciente deve esforçar-se por dizer tudo o que lhe vier à cabeça, principalmente aquilo que se sentir tentado a omitir, seja por que razão for"* (ROUDINESCO et PLON, 1998), passa-se a escutar a queixa.

É obvio que muitas vezes acontece, pelo menos em um país como o nosso que ainda não está harmonizado com o papel do analista, que a função do profissional é "apenas ouvir" nas palavras do paciente. Esse "apenas", como bem comentamos na supervisão do Estágio Clínico II é totalmente ilusório, e a força utilizada pelo analista está longe de ser superficial, nossa expressão para o "apenas ouvir" é atenção flutuante, *"a regra técnica segundo a qual o psicanalista deve escutar seu paciente sem privilegiar nenhum elemento do discurso deste e deixando que sua própria atividade inconsciente entre em ação"* (ROUDINESCO et PLON, 1998).

Nos textos introdutórios à abordagem, ou conferências a novos psicanalistas, Freud sempre preocupou-se com isso. Com "cientificar" uma opinião que não somente partindo do vulgo, vinha de profissionais médicos. Um século nos separa daqueles dias, mas o nosso trabalho, de certo viés proselitista, ainda continua, ora por motivos de força exterior (desvalorização do campo das leis e politica), ora internamente no embate (supérfluo) com outras abordagens. Infelizmente, nisso, quem menos ganha é o paciente.

A transferência, que Freud define como a base e a principal resistência no tratamento, é evidente neste caso. A questão é como trabalhar ela, e acontece que, como bem define Lacan, o Sujeito do Suposto Saber, não pode simplesmente deixá-la por si, como também não pode naturalizá-la, *"a transferência aparece ali como a materialização de uma operação que se relaciona com o engano e que consiste em o analisando instalar o analista no lugar do 'sujeito suposto saber', isto é, em lhe atribuir o saber absoluto"* (ROUDINESCO et PLON, 1998). Lembrar que o analista não é conselheiro ou amigo, é algo que não precisa ser exposto em palavras, mas a postura nunca pode deixar de evidenciá-lo. E o fim será sempre buscar que "a pessoa que, em sua relação com o médico, se tornou normal e liberta do efeito dos impulsos instituais reprimidos, assim

permanece também em sua vida própria, quando o médico tiver saído de cena”[46].

Como fica evidente nas sessões, a predisposição da paciente a contar “sempre a mesma história” é sintomático e na verdade nada mais revela do que uma faceta do funcionamento do Ego, em outras palavras esse “complexo à repetição”, como chama Freud, *“tem um modo duplo de funcionamento: esforça-se por se livrar dos investimentos dos quais é objeto, procurando a satisfação, e tenta, por meio do processo que Freud denomina de inibição, evitar a repetição de experiências dolorosa”*, completando o sempre útil dicionário,

> “Todavia, foi a partir da observação da compulsão à repetição que Freud pensou em teorizar aquilo a que chamou pulsão de morte. De origem inconsciente e, portanto, difícil de controlar, essa compulsão leva o sujeito a se colocar repetitivamente em situações dolorosas, réplicas de experiências antigas. Mesmo que não se possa eliminar qualquer vestígio de satisfação libidinal desse processo, o que contribui para torná-lo difícil de observar em estado puro, o simples princípio de prazer não pode explicá-lo.” (ROUDINESCO et PLON, 1998)

E complementando no volume 17, da nova edição das obras completas do pai da psicanálise a cargo da Companhia das Letras, no trabalho intitulado Teoria Geral das Neuroses, em determinado momento, questionando os problemas relacionados com a transferência, Freud, associa muito dessa tendência a repetição como uma forma que a neurose “encontra” de neste ganho, e nesta queixa de “deixar de viver e pensar em tal momento” exigindo uma cura, precisamente a evidencia que uma atitude diferente seria prejudicial, de perigo, ao Ego. Logo, em palavras vulgares, seria como “reclamo por reclamar, pelo prazer que tenho nisso e pela possibilidade que isso me permite em me colocar em tal papel de vítima”, ao que nos parece, típico de pacientes histéricos. Mesmo assim, é um tema delicado para se refletir por causa da sua complexidade.

Como ficará claro para o leitor, e de acordo com o supradito teórico, o elo transferencial tem muitas formas de apresentar-se, tal qual um caleidoscópio distorce a luz em miríades de imagens, mas, mesmo assim, permanece com sua essência inalterada, tais atitudes da paciente (chegar mais cedo, insistência de não-retorno, presentes, querer desenvolver uma intimidade…) o demostram. A pergunta, no entanto, é, o que este analista retorna à paciente? Muitas vezes em supervisão, rimos quanto a algumas das minhas respostas, ou posturas tidas como ríspidas, no entanto, sempre tive em mente, não somente o texto debatido sobre os problemas que acarretam a transferência, mas, uma seguinte passagem que mantenho bem marcada,

---

46 FREUD, Sigmund, 1856-1939. Obras completas, volume 13: **Conferências introdutórias à psicanálise** (1916-1917) / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza — São Paulo: Companhia das Letras, 2011. pg. 589.

> “Em 1913, numa carta a Ludwig Binswanger, Freud sublinhou que o problema da contratransferência é um dos mais difíceis da técnica psicanalítica”. O analista — e isso devia ser uma regra, segundo Freud — nunca deve dar ao analisando nada que tenha saído de seu próprio inconsciente. Vez após outra, ele deve ‘reconhecer e ultrapassar sua contratransferência, para que possa estar livre’. Alguns anos depois, Freud notou que, no tratamento, o surgimento de um fenômeno a que ele deu o nome de amor transferencial devia dar ensejo ao analista de ‘desconfiar, talvez, de uma possível contratransferência” (ROUDINESCO et PLON, 1998)

E tendo em mente que o psicanalista, qual espelho, apenas reflete o que o paciente traz a sessão, é compreensível o aviso. A imagem é clara, existe uma diferença, entre o analista e o paciente que o separam do simples contato “amigável”, ou seja, da “conversa de bar”, caso aconteça dessa informalidade tomar conta da sessão, recordo as palavras da professora e supervisora Thaís, “adeus tratamento”, pois, uma vez igualada as duas partes, o já exposto SSS, desaparece e deixa apenas “mais um”, e com isso a consequência esperada é não demore a desistência. Freud atenta aos psicanalistas recém-formados que não se deixem iludir pela suposta “paixão” da paciente, o que esta ama é a idealização do objeto que se chama “analista”, ora como pai, ora como amante, ora como irmão ou amigo, e até mesmo, todos estes juntos.

Por sua vez, além do já exposto sobre a Segunda Tópica na primeira parte do presente trabalho, permitimo-nos a seguinte reflexão sobre este trecho de Freud[47]

> “No sentido metapsicológico, porém, esse material reprimido mau não pertence a meu ‘Eu’ – caso eu seja uma pessoa moralmente inatacável –, e sim a um ‘Id’ sobre o qual se acha meu Eu. Mas esse Eu se desenvolveu a partir do Id, forma com ele uma unidade biológica, é apenas uma parte especialmente modificada e periférica dele, está sujeito às influências e obedece às incitações que vêm dele.
>
> Além disso, caso eu cedesse à minha altivez moral e decretasse que em toda avaliação ética posso menosprezar o mau no Id e não preciso tornar meu Eu responsável por ele, de que me adiantaria isso?”

A escolha de tais palavras é pertinente pelo seguinte, como o leitor já deve ter percebido, a “moralidade” é uma constante no discurso da paciente, tanto para ressaltar a sua, como para criticar a do próximo. E isso me faz lembrar o pequeno, mas profundo tratado de Jung, Resposta a Jó,

---

47 FREUD, Sigmund, 1856-1939. Obras completas, volume 16: **O eu e o id, “autobiografia” e outros textos** (1923-1925) / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza — São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Pg. 327.

> “Na verdade, ele [Deus] se vê obrigado a ocultá-lo da própria consciência, no seu seio, e em lugar dele, coloca o pobre servidor de Deus como espantalho a ser combatido [Jó], esperando assim poder ‘amordaçar sua face’ temida ‘num lugar escondido’, para manter-se a si mesmo em estado de inconsciência.”[48]

Pois a paciente não está somente no papel daquela que sofre a injustiça, ela também é juíza. Independente dos motivos serem corretos ou justos, isso é irrelevante, a própria relata criticas contra ela por ser “metida, fofoqueira e perigosa”, “sei que não sou uma pessoa fácil”, “minha irmã disse que deveria ficar na minha nessa nova casa, se não queria confusão”, sem falar que como cuidadora de idosos ela passava também a ser conselheira, e, o exemplo mais evidente, quando sua irmã quer fugir com o namoradinho, é ela tanto a que dedura, como a que defende. Jung se surpreende muito no interesse que as pessoas dão para a provação de Jó, só que para ele, as pessoas estão mais para Deus nessa história, são vítima e vitimário dos seus temores e ilusões interpretativas, precisam “participar da aposta”.

Relacionemos novamente com a cita de Freud e o já exposto em todo o trabalho, e perceberemos que essa estrutura tem uma relação de contradições, -autoevidentes mas não autoassumidas, por isso os sintomas-, que provoca o mais nítido significado do que é o homem, uma soma de contradições. O problema é que no neurótico histérico, por sua relação com o objeto, é muito mais forte e firme tão dilema.

Toda essa mediunidade, toda essa procura dos “espíritos” por pessoas que emanem “energia positiva”, como ela é boa e exemplar, não pode ser tido como uma construção compensatória? Indicamos ainda, de forma sucinta e complementar (e quem sabe, para futuras reflexões), não é precisamente assim que se forma o sonho na magna obra de Freud? Não é tudo uma questão de compensações frutos dos movimentos “manipuladores” do inconsciente?

A relação edipiana com o pai, e a futura constatação que não foram “passeios em jardins de rosa” os 58 anos ao lado da mãe, é do mais interessante e taxante quanto a conclusão de que estrutura neurótica a paciente pertence. Como discutido com a professora Edna, é impossível imaginar uma pessoa sendo 100% de uma estrutura só, em outras palavras, os neuróticos histéricos tem um quê de obsessivos e vice-versa, devemos pensar na neurose como algo muito mais abrangente, como gênero e o resto como espécie dentro desta, se nos permitem uma comparação mais biológica. Em supervisão foi discutido também muito sobre funcionamento, como este que os escreve carece de maiores embasamentos hoje, dispensamo-nos de comentar mais.

Poderíamos estender tais considerações por muito mais linhas, no entanto, estamos

48 Utilizamos da edição da editora Vozes.

convencidos que a soma do nosso trabalho teórico, mais o relato das sessões e a produção desse capítulo em si, nos encaminham para uma resposta satisfatória.

A forma como foi efetuada a transferência, a forma como são expostas as resistências e as repetições, essa índole a um protagonismo e ao mesmo tempo papel secundário, ou seja, toda essa construção em relação ao outro, nos leva a crer que trata-se de uma neurótica histérica. A forma do seu rancor, a sua participação na vida alheia e seu "aval moral", muitas vezes nos fez pensar na neurose obsessiva. Só que, num contexto geral, é nítido para nós, a primeira opção e estes elementos "secundários", estão longe de serem exceções.

Percebamos o agradecimento da paciente e os assuntos que giram em volta de como ela "mudou" no decorrer das sessões. "Onde não há repressão ou um processo psíquico análogo para ser desfeito, nossa terapia nada tem a oferecer"[49], escreve Freud, e sim, concordamos peremptoriamente com isso, as sessões que definimos no nosso diário como "mesmices", obviamente foram mais do que isso, e em comparação a como eram colocadas na primeira sessão, é nítida a diferença. É claro que a postura de 63 anos não pode ser modificada em 3 meses de sessão, na verdade, mais do que modificada, "reconstruída" podemos escrever. Um filósofo grego certa vez disse que o homem é a soma das partes, podemos reestruturar tal assertiva e dizer que o homem é a soma de como são apresentadas essas partes.

Toda vez que a paciente se pegou ouvindo, toda vez que ela mesmo respondeu com uma autocrítica, toda vez que algo do tipo ocorreu, foi uma pequena batalha nessa luta chamada psique humana. Nosso papel de mero espelho, e nossos acertos foram recompensados com esta última sessão. Estar ciente da importância de continuar o processo terapêutico, de que trata-se de um "progresso", e a vontade de ação, são os elementos que nos roubam um sorriso de satisfação.

6. AVALIAÇÃO E AUTO AVALIAÇÃO

Como expressado na supervisão do dia 07-12-20, a nota que daríamos a nosso estágio seria oito. Depois de quase um lustro distanciado da psicologia, voltar logo com pacientes por meio, foi todo um desafio. Assumo que muitas vezes me senti na dúvida sobre a melhor decisão a tomar, mas no fim, sempre tratei de optar pela que eu acreditava ser a mais correta, tanto com respaldo teórico como pelo contexto da prática.

49 FREUD, Sigmund, 1856-1939. Obras completas, volume 13: **Conferências introdutórias à psicanálise** (1916-1917) / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza — São Paulo: Companhia das Letras, 2011. pg. 589.

Perceber no paciente certas teorias transformadas em prática foi uma experiência muito enriquecedora. Por exemplo, ver as resistências em ação, a transferia com uns e não com outros, até mesmo a contratransferência, etc…

Seria falso alegar total ignorância, como seria falso alegar total domínio. O primeiro, falsa humildade. O segundo, débil prepotência. No entanto, os textos estudas na supervisão, talvez não tão citados no decorrer desse trabalho, foram de extrema ajuda. E digo isso com a maior das sinceridades, sem ter lido eles, provavelmente teria feito “qualquer coisa”.

Obviamente não escapei de um que outro “tirão de orelha”, mas toda vez que escutei na mente a voz de repreensão da supervisora, tratei de levar-lho nas segundas-feiras. Penso que o estágio realmente é uma área de treinamento, por mais que este seja com pessoas. Logo, melhor errar agora, que continuar a levar o erro para fora da faculdade. E bem sabemos que as chances desses erros no futuro serem resoltos são bem baixas.

Sendo assim, a nota supradita é mais que suficiente. Para o futuro, como principal objetivo a melhorar: espero começar analise, pois realmente sinto ser necessária e útil para entender todo o processo analítico.

Até lá, na teoria uma pedanteria controlada, e na prática, o mínimo de atos “revolucionários”[50].

Em relação a segunda parte do estágio, efetuada no semestre seguinte, apenas podemos agradecer o acréscimo que foi em nossos parcos conhecimentos a participação da professora Edna. Queria deixar especial ênfase nos estudos e reflexões sobre o autismo.

No mais, o mesmo sentimento de satisfação perpassou todos esses meses e, se permitem a arrogância, quem sabe um sentimento um pouco maior de segurança e preparo. Lembro ao leitor que efetuei sessões longas nesse semestre e muito mais ricas quanto a possibilidade de aprendizado em prática.

Enfim, minha autoavaliação final seria um belo 10.

7. REFERÊNCIAS ESPECÍFICAS[51]

---

50 Reitero que no geral fui bem fiel aos aportes da supervisora.

51 Como ficou claro ao leitor usamos de muitas outras no geral da confecção do trabalho, no entanto achamos desnecessário colocar-lhas nesse capítulo, tanto por uma questão econômica, como que não foram do todo essencial. Logo, preferimos em nota deixar ou o autor ou a obra e autor quando o momento assim o exigia.

CHEMANA, Roland; **Dicionário de psicanálise** / Roland Chemama; trad. Francisco Franke Settineri. — Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995. 1. Psicanálise—Dicionário I. Título

HANNS, Luiz Albeno; **Dicionário comentado do alemão de Freud**/ Luiz Alberto Hanns. - Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

LAPLANCHE, Jean. PONTALIS, Jean-Bertrand. **Diccionario de psicoanálisis** / Jean Laplanche y Jean-Bertrand Pontalis : bajo la dirección de Daniel Lagache.- Ia ed. 6f reimp.- Buenos Aires : Paidós, 2004.

ROUDINESCO, Elisabeth. PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**/Elisabeth Roudinesco, Michel Plon; tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. — Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

OVIDIO Nasón, Publio. **Las metamorfosis** / Publio Ovidio Nasón. Trad. Emílio Rollié. -. 1 ed. 1 reimp. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Losada, 2017. - 592p.; 21x14 cm. (Griegos y Latinos).

GALENO de Pérgamo. **Sobre la localización de las enfermedades (De Locis Affectis)**; introd. De Luis García Ballester; trad. y notas de Salud Andrés Aparício. Editoria Gredos, S. A., Sánchez Pacheco, 81, Madrid, 1997.

FRAZER, sir James George. **La rama dorada: magia y religión**; ed., introd. Y notas de Robert Fraser; trad. de Elizabeth Campuzano, Tadeo I. Campuzano; trad. De la nueva ed. de Óscar Figueroa Castro – 3 ed. - México: FCE, 2011.

ELIADE, Mircea, 1907-1986; H**istoria das crenças e das ideias religiosas, volume I: da Idade da Pedra aos mistérios de Elêusis**; tradução Roberto Cortes de Lacerda – Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

JUNG, Carl Gustav, 1875-1961; **Psicologia e alquimia**; tradução e revisão literária, Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva; revisão técnica, Jette Boanaventure. - 6 ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FREUD, Sigmund, 1856-1939. Obras completas, volume 18: **A angustia e os instintos. Novas Conferências introdutórias à psicanálise** (1933). / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund, 1856-1939. Obras completas, volume 11: **Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos** (1912-1914) / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2012

FREUD, Sigmund, 1856-1939. Obras completas, volume 17: **Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros texto**s (1926-1929) / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. — 1 a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2014

FREUD, Sigmund, 1856-1939. Obras completas, volume 16: **O eu e o id, “autobiografia” e outros textos** (1923-1925) / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza — São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund, 1856-1939. Obras completas, volume 13: **Conferências introdutórias à psicanálise** (1916-1917) / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza — São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund, 1856-1939. **A interpretação dos sonhos** / Sigmund Freud; tradução do alemão de Renato Zwick, revisão técnica e prefácio de Tania Rivera, ensaio biobibliográfico de Paulo Endo e Edson Sousa. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2012